

**Palavras - chave:**  
Análise de Conteúdo.  
Espiritismo. *Diário dos Campos*. Hugo Reis.  
Imprensa. Intelectual. *O Progresso*.

**Resumo:** No início do século XX a cidade de Ponta Grossa-Pr. recebera Hugo Mendes de Borja Reis, jornalista fluminense que logo após sua chegada passou a escrever para o jornal *O Progresso* (atual *Diário dos Campos*), vinculando-se a uma geração de intelectuais locais, que atuavam em uma imprensa ainda em vias de consolidação. Dentre os textos que Hugo Reis escrevia, destacam-se os que tratam do espiritismo, doutrina francesa do século XIX que detinha como pressuposto essencial a junção entre religião, ciência e filosofia. Aparentemente não havia adeptos desta doutrina em Ponta Grossa, antes da chegada de Hugo Reis ao município. Utilizando-se das técnicas da análise de conteúdo, a presente monografia busca compreender e problematizar a introdução do espiritismo na cidade, através da participação de Hugo Reis nas páginas deste periódico. Para tanto foram utilizadas as edições do *O Progresso*, que estão disponíveis para consulta na casa de guarda documental *Casa da Memória*, localizada na região central de Ponta Grossa. A pesquisa estende-se de 1909 a 1911 e aponta Hugo Reis como o principal introdutor e interlocutor do espiritismo na cidade.

## ESPIRITISMO E IMPRENSA: OS TEXTOS DE HUGO REIS N'O PROGRESSO (1909-1911)

Guilherme Alves Pedlowski <sup>1</sup>

Niltonci Batista Chaves <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O jornal *Diário dos Campos* (originalmente batizado de *O progresso*) configurou-se enquanto um importante espaço para a presença de um grupo de intelectuais em Ponta Grossa no início do século XX. Dentre as figuras de destaque que escreviam para o jornal neste contexto, encontra-se Hugo Mendes de Borja Reis, carioca radicado na cidade em 1908, e que pouco tempo após sua chegada, passou a escrever para *O Progresso*, contribuindo com o jornal até 1925, ano em que foi embora de Ponta Grossa. Reis foi jornalista, chefe de redação e sócio proprietário do jornal. *Espírita e socialista humanitário*, esta personagem teve papel fundamental na consolidação da imprensa local e, principalmente, na produção e circulação de ideias através dos discursos produzidos por ele nas páginas do atual *Diário dos Campos*. No que tange o aspecto da história intelectual, podemos compreendê-lo como um agente inserido no que CHAVES e KARVAT (2013) nomearam de “intelectuais locais”, que seriam segundo os mesmos:

notadamente escritores, que se pautando em diferentes leituras, autores e referências, participaram ativamente das discussões locais. Cabe ressaltar que essas discussões, quando problematizadas, deixam entrever questões de ordem mais ampla, referentes à aspectos nacionais – de foro social, econômico e/ou político – e/ou, mesmo, internacional, principalmente naquilo que toca os grandes dilemas históricos do século passado, sejam os grandes conflitos bélicos e/ou a implantação de diferentes regimes políticos. Perceba-se que, com isto, o local (ou sua noção) é, aqui, tomado a partir de um jogo de escala, e não mais a partir de, apenas, elementos menores e/ou curiosos. Com essas possibilidades, ou a partir delas, se abrem novas e amplas possibilidades de problematização e investigação (CHAVES e KARVAT, 2013 p.2)

Neste sentido, Hugo Mendes de Borja Reis fazia parte de uma geração de intelectuais locais vinculados à imprensa brasileira que se considerava integrante de uma elite bem pensante, capaz de consolidar valores e princípios junto aos seus leitores. No conjunto de textos produzidos por Reis, encontram-se os que tratam do espiritismo, doutrina que ocupava um papel destacado entre os pontagrossenses no início dos Novecentos. A cidade que fora grandemente influenciada pelos princípios de modernidade, de cientificidade e racionalidade, mostrou-se território receptivo para acolher os ideais da doutrina inaugurada por Allan Kardec<sup>3</sup>, e teve em Hugo Reis o seu grande difusor local. O estudo das estratégias discursivas de Hugo Reis torna-se, pois, algo extremamente relevante para o historiador/pesquisador preocupado em compreender as “redes de relações sociais” existentes na cidade, e a própria

1 Graduando em História (Uepg). Email: guipedlow@hotmail.com

2 Orientador. Doutor em Educação (UFPR). Professor do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

3 Allan Kardec é o pseudônimo adotado pelo pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail.

compreensão da atuação desta primeira geração de jornalistas locais.

A percepção do enquadramento do que se pode classificar como fala autorizada de Reis para a Ponta Grossa de então e a adesão de segmentos locais ao ideário kardecista torna-se, então, fundamental para problematizar como os princípios desta religião se assentaram no âmbito municipal. O desenvolvimento da pesquisa se dá através da análise de conteúdo dos artigos sobre o espiritismo que foram escritos por Hugo dos Reis no *O Progresso*, contextualizando o discurso do autor no início do século XX. Para tanto, a pesquisa do conjunto de fontes<sup>4</sup> – notadamente do acervo do Diário dos Campos – apresentou-se como indispensável para que os resultados pretendidos por esta investigação fossem atingidos. Vale ressaltar que as fontes analisadas encontram-se disponíveis na instituição de guarda documental “Casa da Memória”, localizada na Rua Benjamin Constant nº 308 na região central de Ponta Grossa e estão armazenadas em suportes digitais. Infelizmente os jornais do ano de 1908, quando o jornal passara a circular nos Campos Gerais, não existem mais, de modo que a análise fora realizada com os jornais que estão disponíveis a partir do mês de junho de 1909, estendendo-se até fins do ano de 1911, compreendendo a fase em que Jacob Holzmann esteve na gerência do *O Progresso*, até o primeiro afastamento significativo de Hugo Reis do periódico.

Quanto a abordagem metodológica de tais fontes, retomamos Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, que organizaram em 1997 a primeira edição do livro *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, que trouxe inegável contribuição ao campo metódico de pesquisas em história. O livro em questão contém artigos de diversos autores, que explanam sobre diferentes abordagens metodológicas, fazendo desta obra uma das principais norteadoras e também ponto de partida para pesquisas historiográficas. No capítulo dezessete, intitulado “História e Análise de Textos”, que é de autoria dos próprios organizadores, encontramos uma introdução necessária e pertinente aos estudos de história e de sua relação com a análise de textos. Nele, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas nos dizem que a preocupação com a hermenêutica (tema recorrente hoje em dia) já se colocava no século XIX com as produções dos metódicos Langlois e Seignobos, e a “crítica interna dos testemunhos” ou

a “crítica positiva dos documentos”, que consistia em recriar mentalmente as operações que se deveriam ter processado no pensamento do autor quando o documento foi produzido. Cardoso e Vainfas atentam que a relação tradicional de interesse no conteúdo dos documentos continuou sendo a principal preocupação dos historiadores, porém, que interpretá-los como suportes de informação que se resguardam essencialmente ao que dizem os textos, converte-se em uma atitude imensamente delicada pois:

[...] Uma atitude desta supõe o postulado implícito, na verdade impossível de sustentar, de que o sentido de um texto é sempre imediatamente perceptível ao lê-lo. Ou, se formularmos ao contrário a questão, de que a forma em que o texto se estrutura internamente – sua dimensão discursiva – não seja pertinente à sua análise e uso em história. (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p. 376).

Sendo assim, esta postura se viu abalada ao desenrolar dos anos 1950 e 1960 com a aproximação das ciências sociais com a linguística e com as teses estruturalistas, que proporcionaram maior mobilidade e novos métodos em análise de textos, com novas perspectivas que estarão dialogando com métodos de análise estatísticos, identificando, por exemplo, a ocorrência do uso de determinadas palavras no corpo do texto, ou as relações de concordância, índices de distribuições e também a possibilidade de se analisar enunciados com hipóteses pré-formadas.

O texto de Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas aborda muitas perspectivas de diferentes teóricos da análise de textos; porém, na presente monografia foi de suma importância buscar sua introdução ao pensamento de Laurence Bardin, linguista francesa, que aplicou as técnicas da Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica no estudo de comunicações de massas, dando origem a um dos mais seguros manuais de análise de conteúdo ao meio acadêmico e intelectual como um todo. Seu livro de título modesto, *Análise de Conteúdo*, é então um dos principais referenciais metodológicos que se afiguram como norteadores desta pesquisa. Para os referidos autores, o pensamento de Bardin contribuiu efetivamente sobretudo na resolução de paradoxos dentro da análise semântica. Um deles fora a questão da unidade de registro que, segundo eles:

4 Optou-se por transcrever as fontes de forma literal, de modo a manter fidelidade, principalmente no sentido da grafia do período.

[...] seria, em tal modelo, o segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, “visando à categorização e à contagem frequencial”. A escolha convém frisar, pode variar bastante, conforme o interesse do pesquisador. Pode ser o “tema” (nível extralinguístico) ou pode ser a “palavra” ou a “frase” (nível linguístico) etc. Seja como for, o critério na análise de conteúdo é sempre de ordem semântica, de sorte que muitas vezes a(s) palavra(s) e o(s) tema(s) são, no fundo, a mesma coisa. (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p. 382)

E também a questão da unidade de contexto, que ainda segundo os dois autores anteriormente citados, é definida por Laurence Bardin como:

[...] “unidade de compreensão para codificar a unidade de registro”, cujas dimensões devem ser ótimas e amplas para “que se possa compreender a significação exata da unidade de registro”. Traduzida historicamente, a unidade de contexto diz respeito à totalidade, ao “contexto histórico”, às estruturas sociais e/ou ao universo simbólico no qual se insere(m) o(s) discurso(s) analisado(s). Trata-se de uma unidade “arbitrária”, posto que extratextual, que somente o historiador pode determinar, conforme suas opções teóricas, suas escolhas temáticas e suas hipóteses de investigação. (CARDOSO e VAINFAS 1997, p. 382).

Deste modo, as ideias de Laurence Bardin (1977) permitem ao pesquisador a possibilidade de abster-se de usar unicamente os métodos quantitativos de análise de textos, posto que tal operação na maioria das vezes só reforça aquilo que já se sabia sobre o tema abordado. Sendo assim, a metodologia aplicada a este trabalho fundamenta-se na escolha de unidades de sentido (palavras, frases ou conceitos presentes no corpo do texto pesquisado) e que servem como linhas mestras de condução do estudo:

Por exemplo, o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. Se parte do princípio, de que este tema possui tanto mais importância para o locutor, quanto mais frequentemente é repetido (caso da análise sistemática quantitativa), o indicador correspondente será a frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta, relativamente a outros. (BARDIN, 1977, p.100)

Bardin afirma que antes de qualquer atitude, se faz “necessário saber a razão *porque é que se analisa*, e explicitá-lo de modo a que se possa saber como analisar. Daqui, a necessidade de se precisarem hipóteses e de se enquadrar a técnica dentro de um quadro teórico” (1977, p.103). Estas hipóteses, segundo ela, são afirmações provisórias que o pesquisador deve propor de antemão, uma vez que superara a relação intuitiva perante seu objeto, fazendo com que sua atitude esteja diretamente

entrelaçada aos objetivos por ele pretendidos, dos quais culminarão em quadros teóricos ou pragmáticos cujos resultados serão utilizados. Laurence Bardin distingue dois métodos centrais em análise de textos, que surgem como possibilidade de investigação. Uma delas a análise quantitativa, baseada em cálculos, que, segundo ela ganhara ainda mais força e consistência após o advento das ferramentas digitais, como a possibilidade de se estabelecer estatísticas e gráficos embasados na ocorrência e na frequência de determinadas palavras no texto. E a outra seria a análise qualitativa, um viés mais “intuitivo” ligado à análise temática, que ela descreve da seguinte maneira:

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que dêem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. (BARDIN, 1977, p.115)

Bardin afirma que, neste caso, o cuidado com o contexto e com as condições de produção dos discursos são fundamentais, uma vez que ao optar por não utilizar-se dos cálculos frequenciais para que se realize a análise, elementos importantes podem acabar sendo deixados de lado. E que principalmente:

... neste caso, torna-se necessário reler o material, alternar releituras e interpretações e desconfiar da evidência (existirá uma “evidência” contrária?) funcionando por sucessivas aproximações. A análise qualitativa que é maleável no seu funcionamento, deve ser também maleável na utilização dos seus índices. As manifestações da mesma realidade pela comunicação, podem modificar-se rapidamente, particularmente na propaganda ou na psicoterapia, em que as condições de produção, por vezes, se transformam bruscamente. (BARDIN, 1997, p.115)

Na presente monografia, optou-se pela análise qualitativa dos textos de Hugo Reis, levando em consideração os pressupostos elucidados por Bardin, tal como Ciro Flammarion Cardoso e Ronaldo Vainfas apontam como premissas metodológicas. Segundo esta linha de raciocínio, tratar das fontes é sobretudo codificá-la. E a “codificação correspondente a uma transformação – efectuada segundo regras precisas – dos dados brutos dos textos, transformação esta que por recorte, agregação, enumeração,

permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (BARDIN, 1997, p.103). Deste modo, os textos foram divididos em três categorias: textos que referem-se especificamente à doutrina espírita, poesias e textos políticos.

O primeiro capítulo da monografia faz uma narrativa contendo considerações centrais sobre Hugo Reis, desde sua chegada à Ponta Grossa, bem como de sua inserção junto ao jornal, reconstruindo aspectos fundamentais deste contexto, e faz também um breve retrospecto do surgimento do espiritismo e de sua chegada ao Brasil, apresentando algumas peculiaridades que adquiriu, uma vez circulando em solo brasileiro. O segundo capítulo atenta-se unicamente à análise das fontes, cujas três categorias, já acima elucidadas, estão separadas por subtópicos.

### Hugo Reis: as várias faces de um socialista humanitário

Seria praticamente impossível discorrer e refletir com certa segurança acerca dos textos de Hugo Reis e de sua trajetória intelectual na cidade de Ponta Grossa, sem antes trazer à tona aspectos fundamentais do contexto e da configuração social da localidade que o recebeu, pois, para além do calçamento das ruas, da euforia porporcionada pela chegada da luz elétrica, do surgimento de movimentos literários e artísticos, que inevitavelmente culminaria na criação de grupos de leitura e de teatros, do ronco dos motores dos trens da ferrovia São Paulo Rio Grande, que trazia à Ponta Grossa novos viajores a cada dia e de um comércio local à todo vapor, a participação desta personagem na cidade está intimamente ligada à consolidação e ao fortalecimento de uma imprensa local, que, ao lado de todos estes elementos presentes neste rápido processo de urbanização ocorrido em Ponta Grossa no início do século XX, tornou-se ferramenta indispensável para conferir ao município o status de cidade progressista e civilizada, tão buscado e difundido pela elite intelectual da época.

O comentário pronunciado por Jacob Holzmänn, transcrito no livro intitulado *Cinco Histórias Convergentes* (2004), nos dá uma sólida idéia desta postura:

Quase sempre, no auge da conversação elogiosa, os que não conheciam nossa cidade perguntavam-me:

- Temos indústrias?
  - Estão em formação
  - Temos boa viação?
  - Temos a melhor do Estado, além de outras que fatalmente virão.
  - Temos comércio?
  - Em franca prosperidade
  - Quantos jornais há? São diários?
  - Não temos nenhum. Já tivemos, mas se acabaram.
  - Então não há progresso em sua terra.
- Assim, tinha eu de concordar, reconhecendo que numa terra sem imprensa não há, efetivamente progresso. (HOLZMANN, 2004, p. 263-264)

Epaminondas Holzmänn, ao biografar a história da pena de Hugo Reis em Ponta Grossa, rememorou antes de tudo as frustradas tentativas de sobrevivência dos primeiros jornais da cidade, como o *Campos Gerais*, fundado em 1890 por Júlio Cock, tendo como colaborador o farmacêutico Teixeira Coelho; o *Pontagrossense*, de 1895, e outros que, mesmo após a instalação de uma oficina gráfica, acabaram tendo curta existência, seja por falta de público ou falta de recursos. Dentre estes, o *Jubileu Operário*; *Ponta Grossa*; *Luz Essência*, e *O Pigmeu*, que eram em sua maioria limitados à literatura e conteúdo de caráter humorístico. O único periódico de estrutura suficiente para, por exemplo, contar com assinaturas regulares, foi lançado em 1894; porém, sofrendo dos mesmos problemas que eram comuns aos demais periódicos citados, e mais um acréscimo de sérias divergências políticas, logo *O Comércio* acabou por definhando no solo árido de uma recém coroada Princesa dos Campos (como era denominada Ponta Grossa).

Ao fim da publicação de *O Comércio*, seu antigo proprietário, Aldo Silva, colocou à venda o inutilizado aparato tipográfico da folha. Fechou negócio com Jacob Holzmänn, fazendo com que o prestigiado maestro da banda Lira dos Campos<sup>5</sup> fosse o responsável pela criação do primeiro periódico de vida longa da cidade. Batizado carinhosamente de *O Progresso*, título este que, segundo (CHAVES, 2001, p.65), seria uma “referência de Jacob Holzmänn à realidade materialmente visível na cidade”, o novo jornal se fez circular pela primeira vez ao dia 27 de abril de 1907. Com sede num pequeno quarto em uma casa localizada na rua 7 de setembro, de tiragem semanal, com uma prensa em mau estado de funcionamento e leitores incertos e irregulares, *O Progresso* (contra toda expectativa) venceu sua etapa inicial, e já em 1908 contaria com nova sede e

5 A Banda Lira dos Campos foi fundada em 1879 pelo musicista Juca de Godói.



também instrumentos de produção mais funcionais, como um prelo de ação manual, comprado de segunda mão, novas máquinas de corte e novas fontes de tipos. Isso permitiu com que *O Progresso*, até então de tiragem semanal, passasse a publicar três edições ao longo da semana. Nos conta HOLZMANN (2004), que, ao final de dezembro do mesmo ano:

[...] se apresentou, na gerência do jornal, um moço cujo traje logo chamou a atenção: fraque bastante rostido e reluzente, gravata tipo borboleta, chapéu-coco a cobrir uma basta cabeleira encaracolada. Esquálido, com a dentadura saliente e enormes bigodes lusitanos, mais se assemelhava a um agente de empresa funerária, ou então a um poeta trágico, pronto para puxar do bolso tiras e tiras de papel carcomido, com versos e mais versos à procura de editor. (HOLZMANN, 2004, p.269)

O forasteiro que, sob a narrativa de Epaminondas Holzmann, adquire uma divertida imagem de excentricidade, chamava-se Hugo Mendes da Borja Reis, nascido em Valença, Rio de Janeiro, em 10 de dezembro de 1884, e era filho de Joaquim Antônio de Borja Reis e Amélia Mendes de Borja Reis. Hugo Reis (como assinava seus artigos), procedia de São Paulo, e teria vindo à Ponta Grossa à procura de um lugar que lhe proporcionasse um ambiente de tranquilidade, e que ao mesmo tempo não lhe deixasse desprovido de oportunidades de trabalho. Pretendendo atuar como representante comercial, Hugo Reis contratou a publicação de alguns anúncios no *O progresso*, porém, ligado ao ofício de jornalista, logo passou a marcar presença na sede do jornal, e em pouco tempo começou a colaborar com publicações de própria autoria, estabelecendo relações profissionais e criando laços de amizade com os trabalhadores da folha.

Sobre o uso das biografias em pesquisas históricas, é importante lembrar que a sua pertinência foi constantemente problematizada ao longo das novas interpretações historiográficas que surgiam em fins do século XIX. Sobretudo na década de 1920 quando a “nova história”, ganhava contornos mais acentuados no movimento historiográfico francês da Escola dos Annales, iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre, que propunham novas formas de construção do conhecimento histórico, e apontavam a interdisciplinaridade como uma alternativa tentadora aos pesquisadores desejosos por emancipar-se de uma história tradicional influenciada pelo positivismo, um tanto ingênua, que privilegiava grandes acontecimentos, documentos oficiais e feitos de personagens notáveis.

Em meio à efervescência dessas novas práticas,

que englobavam métodos de análise quantitativos e geográficos, promoviam a ressignificação do próprio conceito de documento e recortes temporais muito mais abrangentes, o estudo das biografias inexoravelmente entrou em crise, prisma este que também se justifica em boa parte na relação direta e inevitável que a narrativa exerce com o campo de caráter ficcional, extremamente subjetivo, da literatura. Mas foram justamente as novas formas de se fazer e se pensar história que permitiram, por exemplo, que já em meados da década de 1960 a ação humana e as estruturas sociais fossem repensadas. Materializado no artigo clássico de Lawrence Stone, os historiadores de então já podiam evidenciar um “regresso à narrativa”, perspectiva que se coloca mesmo dentre os próprios intelectuais da escola de Annales, como bem ilustra o posicionamento de Duby (1993) quando afirmou que:

... eu podia ser acusado de trair o “espírito dos Annales”. Eu era, com efeito, o primeiro dentre os epígonos de Marc Bloch e Lucien Febvre a aceitar escrever a biografia de um “grande homem”. Mas na realidade não me desviava nem um milímetro do meu percurso. A única modificação – das mais importantes, reconheço – dizia respeito à forma. Eu estava voltando sem rodeios à narrativa. Contava uma história, seguindo o fio de um destino pessoal. Mas continuava atendo-me à história-problema, à história-questão. Minha pergunta continuava sendo a mesma: que é a sociedade feudal? (DUBY, 1993, p. 137-138)

Ao utilizar-me de elementos biográficos como ferramenta auxiliar à análise de conteúdo dos textos de Hugo Reis, saliento que compactuo da idéia de AVELAR, quando reflete acerca das possibilidades de sentido na escrita da história: “Ao construírem biografias, os historiadores devem estar atentos aos perigos de formatar seus personagens e de induzir o leitor à expectativa ingênua de estar sendo apresentado a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências” (2012, p.71).

Sendo assim, para evitar o equívoco de reduzir esta personagem a um todo único, ou de exercer a pretensão de abarcar toda a dimensão de seu pensamento, atesto desde já que o compreendo sob o ponto de vista de sua crença, e que todavia isto não impede, por exemplo, que o entendamos enquanto personagem de ideias pluralizadas e, sujeito inserido em um processo histórico abrangente, permeado de tensões, e relações interpessoais. Após sua inserção junto à imprensa local, Holzmann (2004) nos conta que: a tal ponto se destacou Hugo Reis em *O Progresso* que se criou para ele, desde logo, o posto

especial de redator literário, designação alterada em seguida para redator-secretário.

Jornalista, socialista<sup>6</sup>, poeta e contista, pensando sempre para um viés humanitário em seus artigos, discorria já nos três primeiros anos de sua atuação junto ao jornal acerca das leis ambientais, do feminismo, da questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, além de ter atuado como militante assíduo da Campanha Civilista, que materializou-se na corrida presidencial entre Rui Barbosa e Hermes da Fonseca em 1910. Herdeiro intelectual e literário de um tempo em que o culto exacerbado da razão reclamava à própria religião cientificismo, Hugo Mendes de Borja Reis, fora também adepto e divulgador do espiritismo, prisma este que se pretende aqui dar ênfase.

### A filosofia que veio do além

Compreender Hugo Reis sob a ótica de sua crença é compreender sobretudo que o século XIX correspondeu a um momento de ápice das filosofias da história. Correntes de pensamento que visavam provar a existência de pontos de desenvolvimento social atemporais e onipresentes. Segundo tais filosofias, os seres humanos e as sociedades em que estes se reuniram ao longo do tempo possuem uma “essência”, e bastaria pôr-se a descoberto tais essências para que passado e futuro se descortinassem diante dos olhos do presente. Através desta linha de raciocínio, se poderia então dar um rumo bem definido à história da humanidade: Hegel, com o espírito cósmico; Spencer com a teoria da complexidade; Darwin e o evolucionismo; Marx e o materialismo histórico; Comte e a “física social”, inúmeros foram os filósofos da história que trouxeram ao mundo seus pressupostos teóricos dentro deste contexto. Podemos por assim dizer, que este foi o século da ciência. A tendência do momento seria afastar de um objeto de estudo, subsídios metodológicos que levassem a explicação de qualquer fenômeno por agentes ou causas sobrenaturais. Para DAMAZIO (1994, p.15), A “afirmação do saber científico-materialista, no século XIX, foi resultado de um longo e descontínuo processo de separação entre o conhecimento de base experimental e a metafísica”.

Em síntese, o século XIX promoveu o ambien-

te propício para o nascimento de uma doutrina francesa, que teve como fundamento central propor a correlação entre religião, ciência e filosofia: O Espiritismo.

O Espiritismo prega a existência da alma em todos os seres vivos, bem como a sobrevivência da mesma após a morte e tem como base, além disso, a defesa da comunicabilidade entre os vivos e os mortos. Como toda filosofia da história, o espiritismo, doutrina codificada por Allan Kardec, também apresentou uma lei de desenvolvimento e um fim útil para as sociedades. Vemos então a ideia de progresso profundamente gravada no cerne de toda a obra.

Para DAMAZIO (1994, p.32), “a lei de desenvolvimento proposta por Kardec tem um caráter peculiar: o individualismo”, pois no fim da jornada evolutiva, os espíritos que galgaram os degraus do progresso ao longo de várias existências distintas por meio da reencarnação, tornam-se espíritos de luz, sem se confundirem com nenhuma outra entidade, ou agregar-se de certa forma a ela. O tempo necessário para que o indivíduo chegue a atingir tal condição de aperfeiçoamento depende única e exclusivamente de seus próprios esforços. Para a autora anteriormente citada, também seria de caráter peculiar da filosofia espírita a negação da metempsicose, que seria a possibilidade de que um espírito anteriormente encarnado num corpo humanoíde (biologicamente mais “evoluído”), volte em sua próxima existência num corpo de grau evolutivo menor, como atestavam os cultos da antiguidade, presente nas religiões egípcias, budistas e indianas.

Segundo COSTA (1995, p.40 e 41), o Espiritismo fez sua primeira “aparição” no Brasil em meados de 1865, através do grupo familiar formado por Luis Olimpio Teles de Menezes, na cidade de Salvador, na Bahia e, lá já estariam em circulação os primeiros livros da codificação espírita. Num primeiro momento em francês, e posteriormente, em 1875 já traduzidas para o português por Carlos Travassos.

Se em 1865 o Espiritismo já circulava em solo brasileiro, e estivessem formados os seus primeiros grupos de estudos, ele também exerceu influência na produção literária deste momento, viés que foi muito bem elucidado e explorado por Elaine Cristina Maldonado em sua dissertação de

6 Há que se lembrar que o socialismo em Hugo Reis manifesta-se pelo viés do socialismo utópico, distanciando-se do marxismo e dos ideais de revolução.

mestrado: *Machado de Assis e o Espiritismo: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896)*, em que ela afirma que, desde as primeiras obras escritas por Machado de Assis, já se faziam presentes elementos da filosofia espírita em suas histórias, ilustrando a rapidez com que o espiritismo ganhava popularidade e destaque no Brasil. Segundo MAIA (2011, p.23), embora neste momento o país tivesse como religião oficial o Catolicismo, herança de padroado régio que unia Estado e Igreja desde os tempos da colonização portuguesa, os ensinamentos presentes nas obras da Codificação de Kardec ganhavam inúmeros adeptos em todos os recantos do solo brasileiro.

Janeiro de 1884 é o marco de fundação da Federação Espírita Brasileira, que possuiu sede na cidade do Rio de Janeiro, até então capital do Império, sob a intenção de promover o estudo, a prática e a difusão da doutrina no país. A FEB teve de remodelar seu cronograma de atuação diversas vezes para adequar-se às exigências das autoridades policiais logo, os centros espíritas que não eram filiados à FEB sofriam mais repressão da polícia e da própria FEB que julgava essencial a adequação de todas as outras instituições de cunho espírita a seu padrão de atuação, uma vez que esta já estava em equilíbrio com o Estado (apesar das constantes tensões). Essas tensões entre o Estado e o Espiritismo foram tratadas pelo antropólogo Emerson Giumbelli em seu artigo: “O baixo espiritismo e a história dos cultos mediúnicos” (2003).

Para Giumbelli, a FEB, neste período, não se constituiu enquanto mera ferramenta de divulgação do espiritismo, mas foi também uma instituição que delimitou o espaço entre o espiritismo “puro” e legal dentro da lei, em contraposição ao “baixo espiritismo”, que nada mais é do que a prática espírita em processo de sincretismo com os cultos de matrizes africanas; estes detinham em suas práticas, por exemplo, curas de enfermidades fora do campo médico legal. Em 1891 o Espiritismo foi enquadrado no Código Penal como crime contra a saúde pública. Recorramos ao que expressavam tais artigos:

Artigo 156 – Praticar a Medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a Homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos: Penas – de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000. [...] Artigo 157 – Praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de

moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000. [...] Artigo 158 – Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim o ofício do denominado curandeiro: Penas - de prisão celular de um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

Segundo MALDONADO (2011, p.3), nove dias após a efetivação dos novos códigos penais, uma reunião já se daria na sede da FEB, para que um manifesto em defesa do Espiritismo fosse redigido. Neste contexto vale lembrar a participação de Bezerra de Menezes na luta dos Espíritas pela legitimação de sua doutrina, que escreveu diversos artigos colocando à prova a sensatez do novo código penal. A oposição às práticas espíritas não se dava apenas pelo Estado, mas também através da atuação da igreja e por médicos, que constantemente em suas pesquisas, enquadravam os fenômenos recorrentes no espiritismo como distúrbio psiquiátrico.

Foram anos de querela até a FEB conseguir legalizar e legitimar o seu campo de atuação. Conforme o espiritismo chegava a outros estados, a FEB passou a criar novas sedes, de modo a obter melhor controle sobre as práticas espíritas. Segundo MAIA (2011), a Federação Espírita do Paraná foi criada em 24 de agosto de 1902 na cidade de Curitiba, na sede da revista *A Doutrina* (órgão de divulgação do espiritismo) sob a intenção de propor um direcionamento seguro para as inúmeras Casas Espíritas que se propagavam no estado.

Flammarion Loba da Costa (1995, p. 46) diz que “não há registro de adeptos do espiritismo em Ponta Grossa antes da chegada de Hugo Reis ao município”. Refletiremos sobre esta afirmação no capítulo que segue, e veremos como se deram as estratégias discursivas de Hugo Reis, que utilizou-se da imprensa para divulgar o pensamento do ideário Kardecista, e exploraremos como essas ideias foram recebidas na localidade, bem como suas implicações. Numa Ponta Grossa iluminada pela luz elétrica da ciência, representada pela companhia *Martins & Carvalho* que “atuou na cidade entre 1909 e 1923, período em que houve relativa tranquilidade no setor de energia, uma vez que a empresa conseguiu fornecer energia abundante por um preço considerado razoável” (SILVA 2001, p.99). A luz etérea do espiritismo também se fará brilhar nesta localidade, representada nas páginas do jornal *O Progresso*, através da pena de Hugo Reis.

## O espiritismo em Ponta Grossa: os textos de Hugo Reis n'O Progresso

Ao longo de suas primeiras publicações, Hugo Reis parece ter ganhado a simpatia de boa parcela dos leitores do jornal. Porém, sua trajetória neste periódico também está marcada por registros históricos de inúmeros conflitos, principalmente ao raiar dos 1910, quando Hugo Reis assumiu publicamente o seu posicionamento favorável a Rui Barbosa, dando apoio à Campanha Civilista em seus textos n'O Progresso, como veremos adiante. Contudo, é incostestável que Hugo Reis fora durante sua polêmica participação no periódico, compreendida entre 1908 e 1924, um dos principais articuladores de ideias em Ponta Grossa, e sua voz textualizada se fez levar a sério. Ao lado de João Dutra, ex-funcionário da estrada de ferro e também de origem fluminense, Hugo Reis logo se envolveu num escândalo de grandes proporções, que lhe rendeu agressões físicas e um saldo positivo de hematomas.

João Dutra, defensor ferrenho dos ideais republicanos, havia iniciado uma campanha nas páginas d'O Progresso, contra Gaston Sengés, engenheiro-fiscal do governo junto à São Paulo-Rio Grande. O jornal, que neste ponto já havia levantado oposição, com o surgimento de outra folha batizada de *Diário do Paraná*, criada em 1º de maio de 1909, sofreu um contra ataque de certo número de pessoas. A querela, até então fixada ao plano das idéias, entre as publicações dos periódicos diametralmente opostos, acabou por eclodir no plano físico, na manhã do dia 28 de maio de 1909, quando em torno de seis pessoas dirigiram-se às portas da redação d'O Progresso exigindo a retirada de João Dutra da Cidade. Hugo Reis, numa tentativa de conter a situação e prestar auxílio a seu companheiro de redação, acabou por se envolver na briga, levando um golpe na cabeça, com um pedaço de tubo de ferro galvanizado. Segundo HOLZMANN (2004):

O fluminense estatelou-se como um fardo, a espessa cabeleira empapada de sangue. Os gráficos nada puderam fazer, encurralados que foram de imediato por alguns componentes do grupo de choque, enquanto outros se punham a desferir pancadas, com suas pesadas alavancas, no velho prelo. Apesar de tudo, os danos materiais foram mínimos, pois os atacantes, ignorando como se faz um jornal, em vez de danificar as caixas de tipos, só investiram contra a máquina de impressão; e nem sequer enxergaram a segunda e a terceira páginas do jornal, já prontas nas respectivas bandoleiras. (HOLZMANN, 2004, p. 274)

João Dutra, fora deportado para São Paulo, porém, tendo *O Progresso* contado com o apoio popular e de algumas autoridades locais, como o Coronel Henrique Thielen e Brasil Pinheiro Machado, retornou à cidade alguns dias depois. O “acontecido” repercutiu nas páginas do jornal, e ainda se fez presente na edição do dia 12 de junho de 1909, em que o artigo assinado por Urbano Carrão faz considerações elogiosas ao povo da cidade e ao jornal:

“Ao pessoal ligado ao continuar na luta nobre d'O Progresso” e ao Nobre e Intemerato Povo de Ponta Grossa, felicitações pela vitória que merecerão e alcançarão, fazendo circular, livre do fracasso, a que o pequeno número, sem a menor razão, tentava reduzi-lo e aos seus factores principaes e altivos republicanos e assim pelo povo, a cinzas, mas forão pelo geral de um povo que merece a nossa admiração e applausos, derrotados em todo o terreno que tentarão sombrear e nada assistindo à distriuição e acolhimento d'O Progresso e ressurgindo, pleno de victória, no dia 2 de junho. (CARRÃO, 12/06/1909)

O teor do texto de Urbano Carrão, publicado n'O Progresso, denota em si a preocupação do jornal em reforçar sua aproximação da opinião pública, uma vez que caracteriza os opositores da folha como um “pequeno número”, e adjetiva a participação do periódico na cidade como uma “luta nobre”, reservando ao povo ponta-grossense, apoiador do periódico, o caráter de “intemerato”. Neste sentido, a influência do diretor do jornal, Jacob Holzmänn, fora crucial neste processo. Hipótese que se verifica, por exemplo, através da participação da Banda Lira dos Campos, que sob sua tutela, esteve presente no cortejo de recepção a João Dutra a 30 de maio de 1909, quando este regressava a Ponta Grossa e, que ainda sob o fio condutor de HOLZMANN (2004):

... retornou à rua XV, a fim de homenagear Hugo dos Reis, ainda acamado na residência de Pascoal Del Claro. Quando o moço assomou a uma das janelas do edifício térreo, as palmas pareciam não ter mais fim. Tocaram as bandas de música e se ouviu um novo foguetório, seguido de tremenda ovação. Borja Reis, que havia perdido muito sangue, estava extremamente debilitado, mas a gratidão que sentia deu-lhe forças para sorrir e falar à multidão de seus amigos. O brilhante improviso sacudiu toda massa, que frema empolgada, sobretudo quando ele – um dos grandes evangelizadores que o Paraná conheceu – rematou seu discurso com as palavras mágicas do Mestre: “Perdoa-lhes, Pai: eles não sabem o que fazem!” (HOLZMANN, 2004, p. 277)

Se, por um lado, a defesa do republicanismo e o conflito pessoal de João Dutra faria agitar a opinião dos cidadãos de Ponta Grossa, Hugo Reis, neste mo-



mento, já estaria publicando artigos que atestavam o seu posicionamento espírita, e que seriam introdutórios a suas publicações futuras sobre o tema. Dos dias 8 de junho de 1909 a 17 de junho do mesmo ano, estiveram em circulação n'O *Progresso* as palavras de Camille Flammarion, astrônomo francês que viveu entre os anos 1842 e 1925 e que ficou famoso mundialmente por seus tratados de astronomia em diálogo com o espiritualismo. Uma de suas obras mais comentada, e traduzida para o português, foi o romance *Urânia* (publicado originalmente em 1889), obra ficcional que diz respeito ao encontro onírico entre um jovem e a musa da astronomia, Urânia, que o levou para conhecer o universo, e permitiu nesta viagem intergaláctica com que ele tivesse percepção da infinitude do espaço e da eternidade do tempo, além de ver em seu sonho, formas de vida fora da terra e novos sistemas solares.

Os textos de Camille Flammarion foram publicados parcialmente em três edições do jornal, sendo a primeira em 08 de junho de 1909, a segunda em 12 de junho, e a terceira em 15 de junho do mesmo ano. Trata-se de um artigo do astrônomo publicado na edição portuguesa da *Revista Internacional de Espiritualismo Científico*, em novembro de 1908. Logo de antemão, Hugo Reis adverte, em fonte *itálica*, que “Camille Flammarion não é cientificamente espírita” (ANEXO I).

O conteúdo da fonte faz menção à questão do progresso, que configurou-se desde o século XIX, com o positivismo comteano a tese central da maioria dos postulados filosóficos que circulavam no meio intelectual, e esteve presente também na formação e ideologia dos intelectuais que escreveram para o jornal:

A astronomia não é a única ciência que pode ser chamada em testemunho da lentidão do progresso. Os problemas psychicos nos offerecem um exemplo analogo. E' justo, porém, acrescentar que ha menos tempo que elles são formulados á analyse scientifica positiva e que estão longe ainda de ser resolvidos. Todavia, si, nesse grande assumpto, ha um capitulo que, ha muito està definitivamente escripto é o da suspensão das mesas, em contrariedade com a lei da gravidade dos corpos, suspensão que se produz pela acção de uma força desconhecida. (FLAMMARION, 08/06/1909, p.1)

Para além da questão do progresso, o referido artigo retoma o fenômeno da “suspensão das mesas”, que constituiu-se em estopim da construção de toda a doutrina espírita enquanto ramo do conhecimento em finais do século XIX; mesas, bem como outros objetos inanimados, produziram ruí-

dos e movimentos sem causa física aparente. O fenômeno, que rapidamente tornou-se alvo de críticas de diversos autores e dos mais diversos setores da sociedade, foi caracterizado por muitos cientistas como charlatanismo, ou por padres e clérigos, por exemplo, como obra do demônio. Para Allan Kardec (2009), codificador do espiritismo, a “dança das mesas”, termo de referência popularizado a este fenômeno, fora o primórdio da comunicabilidade entre dois planos:

As primeiras manifestações inteligentes ocorreram por meio de mesas se levantando e batendo, com um pé, um número determinado de pancadas e respondendo desse modo, por sim e por não, segundo a convenção, a uma questão posta. Até aqui, nada que convencesse seguramente os céticos, porque se poderia crer num efeito do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: o objeto móvel, batendo um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava assim a formular palavras e frases que respondiam às questões propostas. (KARDEC, 1909, p.12)

Inúmeros pesquisadores, a exemplo de Kardec, dispuseram-se a observar tais fenômenos, aplicando-lhes métodos próprios de análise, levantando-o assim, a diversas hipóteses de explicação. Alguns diriam tratar-se de forças magnéticas atuando sobre a matéria através da eletricidade; outros, de variações de temperatura no recinto das observações. Justamente por isso que, sob as palavras de Camille Flammarion, a astronomia não é a única ciência que pode ser chamada em testemunho da “lentidão do progresso”, relacionando assim a compreensão de tal fenômeno contrário à lei da gravidade, ao próprio desenvolvimento da ciência. O texto do astrônomo, publicado no periódico ao dia 08 de junho de 1909, ilustraria uma dessas reuniões de observação das mesas gigantes:

Vê-se nessas sessões de estudo, uma grande mesa de sala de jantar, sob a qual se haviam collocado 75 killos de pedra, suspender-se e partir-se, sob esse peso, balançado pelos seus movimentos. Veem se rotações se operar, sem contacto algum, pois que, tendo-se, por meio de um folle, espalhado sobre a mesa uma tenue camada de farinha de trigo, nella não se encontrou vestigio algum de dedo. A isto acresce que todas as experiencias eram feitas por um grupo de amigos sem auxilio de nenhum medium estrangeiro ou retribuido. (FLAMMARION, 08/06/1909, p.1)

Por hora, não nos cabe aqui adentrar no mérito da validade de tais fenômenos, ou na legitimidade das observações descritas por Camille Flammarion, mas sim, colocar em prática um exercício de “com-

preensão”. Não é demasiado evocar as palavras de Marc Bloch (2001), quando refletiu acerca da compreensão no trabalho do historiador, sobretudo quando toda a nossa proposta de análise gira exclusivamente em torno da crença de um indivíduo:

Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de dificuldades, mas também de esperanças. Palavra, sobretudo, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar: “à força!”. Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós – estrangeiro, adversário político – passa, quase que necessariamente, por mau. Inclusive, para travar as inevitáveis lutas, um pouco mais de compreensão das almas seria necessário; com mais razão ainda para evitá-las, enquanto ainda há tempo. A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal (BLOCH, 2001, p. 128)

Neste sentido, nos é de suma importância considerar que se a dança das mesas fora anunciada em torno dos salões franceses como “espetáculo das mesas” ou “teatro das mesas”, uma vez que, para grande parte dos espectadores deste fenômeno, seu caráter era para fins únicos de entretenimento, Camille Flammarion os descreve como “sessões de estudo”, e, que exclusivamente na publicação de seu artigo no *O Progresso* por Hugo Reis, o termo “Médium”, conceito chave da filosofia espírita, estaria se fazendo circular entre os leitores do jornal pela primeira vez.

KARDEC (2009) descreveu os “médiums” como pessoas dotadas de uma força especial capazes de estabelecer a intermediação entre os Espíritos e os homens. Segundo ele:

As condições que dão essa força especial prendem-se a causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, porque são encontrados médiums de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, de resto, se desenvolve pelo exercício. (KARDEC, 2009, p. 12 e 13)

A sequência do texto de Camille Flammarion, publicada na edição d'*O Progresso* do dia 12 de junho de 1909, segue fazendo considerações acerca dos experimentos envolvendo as sessões de estudo dos fenômenos de levitação das mesas. Neste ponto, Camille Flammarion faz outras considerações:

Parece-me que os homens que se deram ao trabalho de observar suficientemente o assumpto em litígio não podem deixar de ter a convicção da levi-

tação das mesas e de outros objectos pesados, da variação do peso dos corpos, dos deslocamentos sem contacto, das pancadas sem choque aparente e respondendo a perguntas, etc... Essa convicção pode se resumir em dois pontos:

1º Os phenomenos são veridicos.

2º A sua explicação é impossível, no estado actual dos nossos conhecimentos. (FLAMMARION, 12/06/1909)

Vemos, ao longo de todo o artigo, a preocupação do astrônomo em reforçar o caráter experimental de tais fenômenos. Uma vez que se aplicasse um método de análise, e, a partir disso, se obtivesse resultados aparentes, este evento alçaria assim o caráter de ciência. Deste modo, suas resoluções acerca do tema são fundamentais para compreendermos as estratégias de divulgação do espiritismo em Hugo Reis, sobretudo quando o astrônomo afirmou categoricamente a autenticidade de tais fenômenos e a impossibilidade de sua explicação no “estado atual de nossos conhecimentos”, pois esta perspectiva afastaria do espiritismo, por exemplo, seu status de fraude ou charlatanismo. Na última parte de seu artigo, publicada em 15 de junho de 1909, suas palavras seguem a ideia progressista de pensamento, que se aplicou por boa parte da intelectualidade deste contexto às teorias que explicavam o desenvolvimento da sociedade:

Falta-me espaço para entrar noutros detalhes; porém, uma vez que me deram a honra de me pedir a minha opinião, baseada numa longa experiência, o meu dever é responder que o ser humano ainda não é conhecido de pessoas alguma, nem dos physiologistas, nem dos psychologos, e é dotado de faculdades psychicas e physicas ainda quase completamente ignoradas, mas cuja investigação será a gloria de sciencia futura. (FLAMMARION, 15/06/1909 p.1)

Aqui, vemos novamente o reforço da ideia de que o conhecimento acerca da potencialidade dos “médiums” seria, ainda, um campo inexplorado, quando este nos diz que os seres humanos são dotados de “faculdades psíquicas e físicas ainda quase completamente ignoradas”, e que sua investigação “será a glória de ciência futura”. Neste sentido, a publicação das ideias de Camille Flammarion no *O Progresso* por Hugo Reis nos dá um atestado da preocupação do jornalista perante a legitimidade de sua doutrina com relação ao meio intelectual em que dialogava; pois, pretendendo introduzi-la no município em que havia estabelecido residência, deveria fazê-lo sob a perspectiva da ciência tradicional, e não da crença “pura e simples”, conferindo-a maior credibilidade.

Ao término da publicação dos textos de Camille Flammarion, Hugo Reis fez vir ao público, na edição de 17 de junho de 1909, suas próprias considerações acerca do pensamento do astrônomo, que dão ênfase a esta afirmativa:

Dado que aceitemos os factos inexplicados pela sciencia, trazidos á baila nesta serie de três artigos assignados pelo alto espirito scientifico religioso de Camille Flammarion – como produzidos por um agente, conhecido, ou desconhecido, ao sabor das varias opiniões, somos forçados a disinguir a força physica da psychica de uma maneira inilludivel e in-sophismavel. (REIS, 17/06/1909, p.1)

Neste ponto, Hugo Reis não só defende a legitimidade dos “fatos inexplicados pela ciência”, como é categórico ao referir-se à Camille Flammarion como o detentor de um “alto espírito científico religioso”. Este “espírito científico religioso”, grafado por Hugo Reis, nada mais é do que uma referência ao caráter dicotômico da amálgama entre fé e razão, ou, o misto de ciência e religião, que permeia as bases da estrutura da codificação espírita, e esteve presente no pensamento deste intelectual.

Retomemos CARDOSO e VAINFAS (1997):

O pressuposto essencial das metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. Ao debruçar-se sobre um documento, o historiador deve sempre atentar, portanto, para o modo através do qual se apresenta o conteúdo histórico que pretende examinar, quer se trate de uma simples informação, quer se trate de ideias. Especialmente no caso de pesquisas voltadas para a história das ideias, do pensamento político, das mentalidades e da cultura, o conteúdo histórico que se pretende resgatar depende muito da forma do texto: o vocabulário, os enunciados, os tempos verbais etc. (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p. 377)

Neste sentido, o fato do estudo do fenômeno das mesas girantes, da crença na pluralidade dos mundos habitados e da sobrevivência da alma após a morte serem comuns tanto na tese espírita quanto nas obras com alhures cientificistas do astrônomo, parece, num primeiro momento justificar a aproximação dele, que segundo Hugo Reis: “não é cientificamente espírita” com o espiritismo. Porém, é fato positivo e observável tanto quanto o movimento dos planetas, que Camille Flammarion fora de fato espírita; e mais do que isto, fora “médium” praticante, tendo inclusive dado sua contribuição pessoal com textos de própria autoria nas obras da codificação espírita, além de ter sido ele próprio o responsável

pelo discurso fúnebre extremamente apologético à beira do túmulo de Allan Kardec quando este faleceu em 1869. Por que Hugo Reis teria se dado então ao trabalho de afirmar que o mesmo não era espírita? Trata-se, pois, de uma estratégia de legitimação do texto. Uma vez que a maioria do público leitor de Ponta Grossa no início do século XX detinha pouca familiaridade com o espiritismo, e opinião talvez incerta sobre o tema, Hugo Reis, simpaticamente da doutrina dos espíritos, viu nesta atitude (negar a crença de Camille Flammarion no espiritismo), uma possibilidade de melhor e maior aceitação das ideias contidas neste texto pelos leitores do jornal. Não foi sem efeito que Hugo Reis aproveitara a ocasião para declarar publicamente seu posicionamento, cujo registro histórico, se fez grafado em seu discurso n’*O Progresso*, ao dia 17 de junho de 1909:

Sou espirita. Tendo coragem das minhas opiniões, digo-o alto e bom som, para que ninguém o desconheça e para que a sociedade onde eu vivo me receba tal qual sou. No entretanto acho que são respeitveis as opiniões alheias e jamais as atacarei; é um dos pensamentos da doutrina espírita a negação absoluta do direito de atacar; acho que adaptando este processo a lucta pela vida, teríamos o socialismo e a sociedade cultural. (REIS, 17/06/1909, p.1)

Ao professar sua crença no espiritismo, Hugo Reis deixou explícita a sua preocupação diante da aceitação de seu credo perante a comunidade local; e, ao atestar que tem “coragem” de suas opiniões, estaria reforçando assim o peso de sua convicção. Nesta linha de raciocínio, salientou também a influência dos ideais cristãos de respeito, solidariedade e amor ao próximo, presentes na doutrina espírita, quando diz que considera “respeitáveis as opiniões alheias”, de modo a estender o seu discurso não só ao meio intelectual e literário com o qual dialogava, mas também à sociedade ponta-grossense como um todo. Neste momento em que os ânimos se acirravam em torno das posturas idealizadas pelos profissionais d’*O Progresso*, a ênfase na característica “apaziguadora” do espiritismo seria indispensável para que o seu posicionamento obtivesse melhor receptividade. Mas é também, neste singelo discurso, que boa parte da complexidade de suas ideias nos seria revelada.

Arthur Cesar Isaia, afirma que, “se o espiritismo fugia à ideia de revolução socialista, reforçava a defesa de um estado republicano, laico, que estendesse a toda população o pleno direito de cidadania [...]

6 É uma congregação religiosa feminina católica, fundada no Japão, que atua no trabalho apostólico educacional e assistencial.

(2011, p.117)". Seguindo o fio condutor deste raciocínio, podemos considerar que, se o espiritismo era entendido por Hugo Reis como uma ferramenta fundamental no auxílio ao refinamento das almas, encaminhando-as em direção ao grau evolutivo das esferas luminosas, suas implicações se apresentariam de maneira indissociável ao viés socialista deste intelectual, que por sua vez é voltado estritamente às condições materiais básicas de existência, unindo assim dois polos de desenvolvimento que fizeram parte das bases constituintes de seu pensamento. Notamos aí, o que ISAIA (2011) nomeou de "imprevisibilidade do discurso" no espiritismo, quando nos diz que:

Temos de nos ater aos claro-escuros, às nuances, às múltiplas possibilidades de mimetizar, de afirmar contradizendo, de compartilhar sentidos própria da errância com que os discursos se movem. Assim, vamos ver que o espiritismo surge interagindo com uma constelação desigual de ideias que vão do liberalismo às utopias socialistas, passando pelo positivismo comtista e com os próprios valores do catolicismo, acrescido de uma reafirmação de valores que longe estavam de referendar modernidade. (ISAIA, 2011, p.120)

Após Hugo Reis ter feito vir à público as ideias de Camille Flammarion e professar sua fé na ciência espiritualista, duas reportagens noticiando aparições de espíritos se fizeram circular no periódico. Uma em 2 de outubro de 1909 (ANEXO 2) sob a manchete "Facto psychico", e outra em 21 de julho de 1910, sob o título "Visão telephatica". A primeira delas fora retirada de outro periódico, *A tribuna*, com sede em Santos-SP, e apresentava a notícia da seguinte maneira:

Sabemos que um destes dias, na Barra, em casa de respeitável família, foi observado um caso notável de *materialisação*, phenomeno dos mais curiosos pelas circunstancias que o rodeiam. E' convincente declarar que ninguem, na casa a que nos referimos, se dedica a trabalhos espiritas ou sequer os conhece. Nem mesmo se conversou alli jamais sobre os phenomenos psychicos. (O PROGRESSO, 02/10/1909 p.1)

Ao referir-se à família como "respeitável", e afirmar que a mesma não detinha conhecimento sobre espiritismo ou familiaridade com fenômenos psíquicos, somado ao próprio título da manchete: "fato psíquico", a construção do sentido de veracidade da fonte em questão estaria sendo posto em evidência. Uma vez que: se a família fosse "respeitável", estaria, assim, isenta de envolver-se em escândalos ou propagar mentiras; e, mais do que isto, estaria

frente a um "fato psíquico" e não diante de um caso sobrenatural de encontro com fantasmas, simples aparições, ou vítima de diagnósticos psiquiátricos. Este fato psíquico é mencionado como um caso de "materialização", que também constituiu-se como um termo de referência a fenômenos espíritos na codificação kardecista. Kardec (2003), afirmava que:

As aparições ocorrem quando o vidente está despedido e desfruta de plenitude e inteira liberdade de suas faculdades. Aparecem geralmente sob forma vaporosa e translúcida, algumas vezes vaga e imprecisa; a princípio, parece uma claridade esbranquiçada cujos contornos vão se delineando pouco a pouco. Outras vezes, as formas são nítidas e podemos distinguir os menores traços da fisionomia, a ponto de se poder fazer uma descrição bastante precisa. O comportamento e a aparência são semelhantes aos que o espírito tinha quando vivo. Podendo tomar qualquer aparência, o Espírito se apresenta sob a que melhor pode torná-lo reconhecível, se esse for o seu desejo. (KARDEC, 2003, p. 101)

A notícia descreve a história de uma garota que viu aproximar-se da janela de seu quarto um rapaz conhecido da família que estava de viagem. Ao ver o amigo em sua janela, tratou de avisar seus familiares que o mesmo havia retornado; porém, quando foram procurá-lo:

Não havia ninguém. Olharam para fora, percorreram as imediações da casa: nada!  
- Está escondido! exclamou uma das moças.  
Procuraram-no de novo. D'ahi a pouco, olhando para a sala de jantar, viram-no de pé apoiado à meza das refeições, muito abatido, e muito pallido, como se tivesse tido alguma syncope. A' aproximação das pessoas, por vel-o em tal estado, o rapaz avançou para uma das janellas e desapareceu. Em vão foi dada uma busca em toda casa: não se achou ninguém. (O PROGRESSO, 02/10/1909 p.1)

No desenrolar da narrativa, o pai, sem entender direito o que havia sucedido, dirigiu-se a seu gabinete, para pegar uma carta que havia recebido deste amigo tempos atrás e responder-lhe outra. No entanto:

Mal entrava no gabinete, o chefe da família recuou horrorizado, pois diante de sua secretaria surgiu o rapaz, trajando casaca todo coberto de pó como se tivesse dado uma queda, muito branco, muito tremulo e fallou-lhe com voz quase imperceptível:  
- Estou morto. Não assuste as meninas. Mas não me deixem sozinho.  
E' desapareceu como uma fumaça que se desmancha. (O PROGRESSO, 02/10/1909 p.1)

A notícia teve seu desfecho nos dizendo que,



quatro dias depois deste episódio, o pai recebera uma carta, avisando que seu amigo havia morrido, coincidentemente, no dia da aparição do mesmo.

Já a outra notícia, datando de 21 de junho de 1910, fora publicada originalmente na *Revista Internacional de Espiritualismo Científico*<sup>7</sup>, periódico inicialmente idealizado por Allan Kardec, o qual, segundo MAIOR (2013), entrara em circulação na França em 1 de janeiro de 1858 a fim de promover e divulgar o espiritismo. A notícia em questão fora apresentada da seguinte forma:

No dia 4 de Outubro ultimo, o jovem Alfredo Lamphear, de 7 annos de idade, fugia da casa dos seus pais, em Jersey City (Estados Unidos). Mau grado todas as buscas a criança não podia ser encontrada. A pobre mãe passou toda a noite num estado de extrema excitação. Finalmente o somno e a dôr acabaram por prostral-a; mas ao cabo de alguns instantes, acordou, soltando gritos de terror. (O PROGRESSO, 21/07/1910 p.1)

Os gritos de terror proferidos pela mãe da criança desaparecida seriam resultado de uma visão que a mesma havia tido, em que o filho encontrava-se enterrado em um local próximo, com as mãos sobre o rosto, de modo a proteger-se da areia que lhe soterrava. Para acalmar a esposa, o pai do garoto dirigiu-se ao local em posse de uma pá para conferir se o mesmo estava realmente lá. Segundo a notícia, depois de ter cavado horas a fio, o pai da criança não encontrou sequer vestígios do paradeiro do filho, voltando para casa desanimado; porém, sua esposa recomeçara com as súplicas, atestando que via a criança distintamente. Sendo assim, o homem retornara novamente ao local descrito pela esposa, desta vez em companhia de um vizinho, para dar seguimento às buscas:

Após um curto trabalho o bonet da criança foi achado. O infeliz pai vendo que a visão da mulher começava a realizar-se desanimou. Porém, o vizinho continuou a cavar, e, depois de alguns minutos de novos esforços, descobriu o corpo da criança que, como mme. Lamphear vira, tinha as mãos diante do rosto, para se proteger contra a areia, que acabara por afogal-o. Todos os jornais de Jersey City narram esse doloroso facto acompanhado de um notavel phenomeno de dupla vista. (O PROGRESSO, 21/07/1910 p.1)

Desta vez o sentido de veracidade da fonte é reforçado sob a alegação de que todos os jornais de Jersey City nararam o fato, pressupondo que a

notícia tenha tido expressiva repercussão; e, para além disso, a própria ênfase no fenômeno espírita também é reforçada, uma vez que a referida fonte nos diz que todos os jornais que narraram o fato não deixaram de reconhecer que se tratava de um fenômeno de materialização, ou neste caso em específico: “dupla vista”.

Ao colocarmos estas duas notícias, publicadas em anos distintos, sob prisma reflexivo, poderíamos a princípio concluir que se tratava aí de uma atitude de divulgação do espiritismo por Hugo Reis, o que não deixa de ser uma postura plausível, uma vez que o mesmo utilizou-se de seu espaço n’*O Progresso* para efetivamente divulgá-lo. Entretanto, estas duas notícias citadas acima, quando relacionadas a outras de suas publicações, atestariam também uma estratégia discursiva de evangelização que fora posta em prática pelo jornalista. Apesar de estarem situadas em tempos e espaços diferentes, continham em si a defesa e o atestado dos fenômenos espíritos, bem como da comunicabilidade de um plano a outro e tocavam por excelência a delicada questão da morte em sua essência. Na primeira delas, datada de 02 de outubro de 1909, o morto era categórico: “Estou morto. Não assuste as meninas. Mas não me deixem sozinho”. Já na outra, datada de 21 de julho de 1910, era a mãe quem sofria as aflições do filho soterrado que lhe aparecia. Quanto a isto, Hugo Reis, exímio estrategista discursivo, aproveitou para levar ao público leitor d’*O Progresso*, em vésperas do dia de finados, num conto de própria autoria datado de 01 de novembro do mesmo ano, as ideias de sua doutrina consoladora (ANEXO 3):

Ide, caravanas de vivos, em piedosa romaria, visitar as caravanas de mortos. Crêde. Eles não morreram. Si quereis uma opinião scientifica tendes Augusto Comte: “cada vez mais os vivos são governados pelos mortos”. Si quereis uma opinião religiosa, tendes a de Christo: “Em verdade, em verdade vos digo, que quem não nascer de novo não atingirá o reino do céu”. Si quereis uma opinião scientifico-religiosa tendes a de Rivail: “Nada morre, tudo se transforma”. (REIS, 01/11/1910 p.1)

Neste ponto de seu discurso, Hugo Reis defendeu a ideia da imortalidade da alma, apresentando três diferentes perspectivas de raciocínio, de modo a modelar o fio condutor de sua escrita. Primeiramente, retomando August Comte, fundador da filosofia positivista, utilizando-se de sua declaração apologética àqueles que já morreram, tendo como base o

7 Vale ressaltar que várias das edições traduzidas para o português encontram-se disponíveis para consulta no acervo do Departamento de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa

legado que haviam deixado aos vivos; em seguida, retomando as palavras dos evangelhos de Cristo, numa clara alusão ao dogma reencarnatório do espiritismo; e, por fim, apresentando as palavras de Allan Kardec, quando reinterpreto a teoria química de Lavoisier, aplicando-a à tese espiritualista. Deste modo, Hugo Reis novamente estaria deixando clara a sua preocupação em apresentar o espiritismo enquanto uma junção da sensibilidade intrínseca da fé, acrescida da indispensável razão cientificista, dando origem a opinião “científico-religiosa”, que segundo ele:

... como uma verdade de ferro, serve a todos os credos, responde a todas as interrogações, contenta a todos os ideais, porque, á Lei Natural, nada a desmente, sob a evidencia innegavel do facto crú, que se nega, se aceita, se disente, mas - fica! (REIS, 01/11/1910)

Deste modo, amparado nos argumentos de que a doutrina professada por ele era como uma “verdade de ferro”, que servia a todos os credos e contentava a todos os ideais, Hugo Reis apresentava ao público leitor do periódico um vislumbre, ou uma perspectiva otimista e esperançosa em relação à sorte de seus entes queridos que já haviam realizado a complexa travessia do pensar e existir cartesiano ao ponto de chegada misterioso e inevitável do não-ser.

Considerando a comoção causada por esta data em específico, em que o sentimento de saudade dos vivos pelos mortos era sentido e vivenciado de maneira coletiva, Hugo Reis aproveitara também o dia de finados do ano seguinte, para publicar n’O *Progresso* suas ideias acerca do espiritismo. Desta vez em um artigo publicado ao dia 03 de novembro de 1911, retomando novamente os pressupostos de vida após a morte e a reencarnação:

[...] para nós a morte é o facto mais natural da vida. Por ella não se dá extincção, pois nada nesse mundo se extingue, mas, sim transformação ou mudança de vida. Por ella a materia humana volta a massa material que é a terra e a alma a esse foco de luz que é Deos, aquella para se transformar em outros elementos que sirvam para a composição de novos seres organicos ou inorganicos, e esta para habitar outros mundos ou este mesmo, e aqui ou ali, representar novos papeis, ou cumprir novos designios da Providencia. (REIS, 03/11/1911, p.1)

Nas palavras de Hugo Reis acima grafadas, vemos a postura da não aceitação da morte enquanto aniquiladora da vida sob as chaves da compreensão da filosofia espírita. Sendo a morte o “fato mais natural da vida”, não haveria motivo, segundo o sentimento das palavras do jornalista, para temor ou tristeza

perante a mesma, pois a nova doutrina em ascensão, revelaria que a mesma, sob a acepção clara da palavra sequer existiria, uma vez que os restos orgânicos dos mortos continuariam a existir cumprindo novas funções, transformando-se e voltando à terra para dar origem a novas formas de existência; e, mesmo a “alma”, detentora da consciência individual dos seres, migraria para outros mundos ou retornaria a este mesmo, de modo a “cumprir novos desígnios da Providência”, pautando-se novamente na ideia da pluralidade dos mundos habitados e da reencarnação das almas. No desenrolar de seu artigo, suas palavras seriam reforçadas:

Não existe morte, a palavra morte no sentido de exterminio do ser humano é uma palavra vã e esses entes queridos que perdemos de vista por annos e annos, que são momentos na immensidade do tempo, são viajores, como todos nós, que partiram mais cedo para essa jornada de peregrinação pela escala do progresso e do aperfeiçoamento eterno. E’ licito a todos nós ao vel-os tombarem assim pela morte, as vezes precedida de tantas dores, e ao perdê-los de vista por tantos annos, sentir-lhes a ausencia, a falta e a saudade, de certo irreparavel; mas, a lei eterna da evolução, que é uma serie interminada de transformações, nos porá amanhã ao seo lado, em outros mundos mais elevados, onde existem thronos para a sã virtude e premios inestimáveis para a verdadeira bondade. (REIS, 03/11/1911 p.1)

Neste trecho de seu artigo, Hugo Reis, além de reafirmar a inexistência da morte, atrela ostensivamente este fenômeno à questão progressista de pensamento, dizendo aos leitores do jornal, que aqueles que já morreram estão cumprindo uma “peregrinação pela escala do progresso e do aperfeiçoamento eterno”, concluindo que “a lei eterna da evolução” os colocará amanhã ao seu lado em outros mundos mais “elevados”, em que existem “tronos para a sã virtude e prêmios inestimáveis para a verdadeira bondade”, expressando assim, também, sob a indiscutível graciosidade de sua escrita, a perspectiva moralizante do espiritismo. É interessante ressaltar que se a ideia de progresso, neste momento, era materialmente compreendida pela intelectualidade ponta-grossense, tendo como símbolos de referência as indústrias, o comércio, o calçamento das ruas, a energia elétrica e a imprensa, Hugo Reis apresentava juntamente com suas ideias, um outro viés deste pensamento: o progresso das almas. Vemos deste modo, que Hugo Reis não só visara cativar os leitores do jornal, reforçando a ideia do espiritismo enquanto uma doutrina científica, mas como também utilizara-se de seus discursos, proferidos em torno dos respectivos dias de finados

para obter poio emocional no auxílio à divulgação de suas ideias.

No conjunto de artigos que faziam menção direta ao espiritismo, publicados por Hugo Reis ao longo destes três anos n'*O Progresso*, não só as experiências com as mesas girantes de Camille Flammarion e casos de aparição foram noticiados. Em artigo publicado ao dia 10 de janeiro de 1911, sob a manchete de “Fenômeno Espírita” (ANEXO 4), o jornalista trazia ao público leitor o caso de um homem que, sendo atacado por pedras atiradas do além, teve de mudar-se para outra residência:

O Sr. Alexandre Barbosa, residente no Fachinalzinho, município de Entre-Rios, na propriedade do sr. Henrique Hilgenberg, teve de mudar-se desta propriedade, próxima ao bairro, para outra, devido a diversos curiosos phenomenos psychicos. (REIS, 10/01/1911 p.1)

Os “curiosos fenômenos psíquicos” seriam caracterizados por pedras e pedaços de pau, atirados sobre o homem e sobre a casa em que o mesmo residia; porém não conseguindo averiguar a origem dos ataques que sofria, mesmo após ter reunido um grande número de amigos, familiares e curiosos que se dispuseram a observar o que acontecia, o homem, assustado, decidiu mudar-se para outra localidade: “O sr. Barbosa, á vista da perseguição, mudou-se, ficando em paz, livre da casa mal assombrada. Refere-se o nosso informante que mais de 300 pessoas verificaram o fato que ora noticiamos” (REIS, 10/01/1911, p.1).

Ao informar que “mais de 300 pessoas verificaram o fato”, o sentido de veracidade do ocorrido estaria sendo reforçado; mas, neste ponto, Hugo Reis menciona o fato de que, ao mudar-se, o homem estaria “livre da casa mal assombrada”. E com ares de ironia ao fim de seu artigo, já no início de 1911 tinha segurança o suficiente para lamentar-se: “É pena que esses factos não fossem observados por pessoa conhecedora da moderna sciencia – o espiritualismo scientifico” (REIS, 10/01/1911 p.1)

Deste modo, apontando a expressiva quantia de pessoas que presenciaram o fato, aliado a seu lamento perante a não compreensão deste fenômeno, Hugo Reis estaria dando ênfase à necessidade de uma melhor instrução neste sentido, pois, sob os ares subjeivos de sua ironia, estaria assim, deixando implícita a ideia de que o medo, que levara o homem a abandonar sua residência, era fruto de uma simples falta de conhecimento. O teor dos textos que Hugo Reis publicava sobre espiritismo, sempre

fizeram alusão a esta doutrina, enquanto um estado de pensamento aliado de forma ostensiva à modernidade e à ciência. Em um artigo originalmente publicado n'*O Clarim*, sob a manchete de “Templários Espíritas”, em tom quase profético a ascensão da nova doutrina era grafada nas páginas d'*O Progresso* ao dia 18 de junho de 1910:

Chega de exterioridades. Chega de apregoar ideias que se não cumprem; doutrinas que se não praticam; theorias platonicas que não têm a mínima influencia decisiva na marcha actual da terra. As ideias, quando amadurecidas, são como boas sementes, demandam uma boa terra para crescerem e produzirem. A idéa espirita está madura; é tempo que produza. Começemos pelo principio; fundemos a Ordem dos Templarios espiritas, que há de avassalar o mundo, proclamando a sciencia, confundindo o erro. (O PROGRESSO, 18/06/1910 p.2)

Esta fonte em questão relacionava a doutrina espírita e seus adeptos aos templários que outrora haviam buscado o “Santo Graal”; porém, ao passo em que os templários antigos peregrinavam em busca da taça em que Jesus havia bebido o vinho da última ceia, os novos templários peregrinavam em busca do Graal metódico da ciência, caracterizando as outras vertentes de pensamento como “ideias que não se cumprem” e “doutrinas que não se praticam”; e, em defesa da legitimação do espiritismo, o conteúdo do texto enfatizava que a “Nova Ordem de Templários espíritas” haveria de “avassalar o mundo”, “proclamando a ciência” e “confundindo o erro”. Esta postura, de apresentar o espiritismo como uma doutrina atrelada à ciência, fora ostensivamente levada a cabo por Hugo Reis nos artigos que publicava, seja os de própria autoria, ou os que emprestava de outros periódicos.

Ao analisar os textos que circularam n'*O Progresso* sob sua seleção, podemos com segurança considerar que esta fora sua maior preocupação. Sob o fio condutor das ideias divulgadas por Hugo Reis, ligado a um grande círculo intelectual que se formava em torno do periódico, espiritismo não era crença, mas sim uma nova expressão de cientificidade, e os fatos até então inexplicados pelo modelo de ciência tradicional seriam seu objeto de pesquisa, legando assim ao sobrenatural o status de fenômenos psíquicos, que se fariam através do estudo revelar. Em artigo de própria autoria, publicado em 16 de agosto de 1910, sob a manchete de “O polonio perante o espiritualismo scientifico” Hugo Reis discorria sobre a recém descoberta deste elemento químico pelo casal polonês Marie Curie e Pierre Curie em 1898, enfatizando a ideia de que muitas descobertas cien-

tíficas inovadoras ainda estariam por acontecer:

O polônio deprende, é de supor-se; grande quantidade de eletricidade, e um dos característicos mais emocionantes do novo corpo é a sua rápida transmutação, o que vem modificar por completo a theoria dos corpos simples, sonho da velha alchimia, tradição decerto, depassadas sciencias da antiguidade multisecular [...] (REIS, 16/08/1910 p.1)

Vê-se que sob as palavras de Hugo Reis, a característica mais “emocionante” do composto químico recém descoberto seria a possibilidade de uma “rápida transmutação”, ou seja, a capacidade deste elemento em transformar-se em outro, o que para ele seria a desconstrução da antiga alquimia, que julgava serem os elementos químicos composições fixas que não se alteravam em sua própria essência, mas sim, somente eram passíveis de miscelâneas entre si; Reis retoma assim a ideia do “progresso”, que este conhecimento passara desde os tempos da antiguidade com a “velha alquimia” até os recentes avanços da química e do advento de suas novas descobertas. No decorrer de seu artigo, esta ideia seria retomada:

A transubstanciação de um corpo em outro – a do polônio em chumbo – provando existir esse mysterio – a vida – nos proprios mineraes, que viverão, que morrerão, em milhares, em milhares de milhões de annos, originarios de uma força geradora ignota e impalpavel e para nós ainda inconcebivel mas cujos phenomenos, cujos factos palpaveis se vão demonstrando como as consequencias desse poder desconhecido mas não incognoscivel, factos que são outras tantas provas circumstanciaes de um fóco, um centro, uma geração, uma irradiação, vêm demonstrar uma cousa – primeira -; uma cousa – unidade -; uma cousa – um! (REIS, 16/08/1910 p.1)

Neste sentido, quando Hugo Reis afirmou que a transubstanciação do polônio para chumbo seria a prova da existência do “mistério” da transformação, e que mesmo os minerais não escapavam a este fator de desenvolvimento, o jornalista relacionava o advento do polônio, cuja descoberta revolucionara o meio científico, à transformação das almas que morriam. Para Hugo Reis, tanto a transformação das almas quanto os novos elementos químicos por descobrir seriam movidos por uma “força geradora ignota e impalpável”, mas que os “fatos” e “fenômenos” que se demonstravam em torno desta força geradora eram “palpáveis”, e que este poder “desconhecido mas não incognoscível” é um “fato circunstancial de um foco” que demonstra uma “irradiação”, uma “unidade”, por fim o “um”. Este um sob o qual versava Hugo Reis, era uma alusão a Deus, que para ele tam-

bém seria objeto de estudo das ciencias espiritualistas do porvir: “Onde se encontrará essa materia – deus, o Amor, força que na philosophia indú é a mãe universal, a causa primaria, a suprema geração o Universo? Talves o polônio venha nos mostrar o caminho” (REIS, 16/08/1910 p.1).

Deste modo, embasando-se na ideia de que a força geradora das transformações que este elemento químico apresenta seria uma força ainda desconhecida e inapreciável, Hugo Reis apontaria a descoberta do polônio como um avanço na compreensão do próprio Deus, abarcando também o prisma oriental deste conceito, fazendo menção à “mãe universal”, “causa primaria” e “suprema geração do Universo”, retomando em seu artigo elementos da filosofia hinduísta. O jornalista daria por encerrada esta matéria evocando novamente a dicotomia ciência/espiritualismo: “Sciencia e religião, sciencia e arte, divinas, immortaes, conduzam o sobrehomem na sociedade scientifica!” (REIS, 16/08/1910 p.1).

Vemos, neste ponto, que Hugo Reis encerrou seu artigo realizando uma espécie de oração destinada à ciência, à religião e à arte, que adjetivara como “divinas”, e “imortais”, rogando a suas divindades que reconduzissem o “sobrehomem”, ou seja, ser humano ligado ao transcendental na “sociedade científica”, que para ele seria o único meio possível de desvendar os mistérios até então insondáveis do infinito; e, ao evocar a arte como sendo também uma ferramenta de compreensão e sensibilidade, Hugo Reis trazia à tona aspectos de outra vertente da qual se utilizara para divulgar o espiritismo. Ao passo em que ao longo destes três anos postos aqui sob análise, fora um exímio divulgador das ideias do espiritismo, fora também poeta, e, constatou-se que, quando fora poeta, fora sobretudo espírita. E ao passo em que fora também um exímio articulador político, incontestavelmente, seu projeto político se fazia indissociado de sua convicção na relação transcendental dos seres humanos perante o universo.

### **Versos do outro mundo: a relação entre poesia e espiritismo em Hugo Reis**

Uma das posturas idealizadas por Hugo Reis em sua atuação como jornalista n’O *Progresso* foi participar e dar apoio a um movimento poético e literário que ganhava cada vez mais força nas páginas deste periódico, que se verifica com ainda mais intensidade, principalmente após ele ter sido nomeado para o posto de redator chefe ao dia 14 de



junho de 1910, em que pronunciando seu discurso de posse, conclamava e enaltecia a participação do povo:

Povo, este jornal é vosso. Mandaê. A soberania colectiva é de uma magnitude tal que encerra toda a vontade dos príncipes coroados da terra, toda a onnipotencia dos príncipes coroados do céu – ella é quem faz a religião, a sciencia, a arte; ella se chama Opinião. Só a ella nos inclinaremos reverente porque na soberania colectiva está inclusa a nossa propria soberania. Somos um orgão soberano. De um povo soberano. Somos democrata. (REIS, 14/06/1910 p.1)

Declarando em seu discurso que a “soberania coletiva”, através da opinião seria o que encerrava tanto a vontade dos “príncipes coroados da terra” quanto a “onipotência dos príncipes coroados do céu”, bem como a religião a ciência e a arte, Hugo Reis lançava ao público leitor do periódico o chamado à participação popular; que, segundo ele, só a ela o jornal se inclinaria, enaltecendo assim a autonomia do povo e o ideal de democracia. E, mais do que isto, assumia a chefia da redação convicto:

Como todo cavalheiro antigo, entrando nos torneios da imprensa de viseira erguida, implantaremos no nosso escudo – o coração – um distico de guerra. Seja elle o da nossa philosophia, a divisa do espiritualismo scientifico do Paraná, o emblema do Darwinismo da alma: - Semper ascendens! (REIS, 14/06/1910 p.1)

Hugo Reis refere a si próprio na imagem do templário espírita em busca do Graal científico de que já discorremos no tópico anterior, anunciando de antemão que entraria nos ‘torneios da imprensa’ de “viseira erguida”, passando assim a ideia de que nada tinha a temer na propagação de seu ideário, deixando claro que a sua bandeira de “guerra” seria o espiritualismo científico, reinterpretando o lema darwinista de evolução: “ascender sempre”, aplicando-o desta vez à evolução das almas.

Uma vez tendo conclamado a atuação do povo na construção d’O Progresso, Hugo Reis passou a publicar poesias de diversos autores nas páginas do jornal, dando margem para que este movimento literário local se fortificasse, incentivando ainda mais a participação da intelectualidade ponta-grossense em grupos de leitura, e mesmo para a criação de periódicos independentes, como a *Folha Rósea*<sup>8</sup>, que eram voltados unicamente para a divulgação de contos e poesias; mas, para além de ter assumido a chefia da redação em 1910, outro evento marcaria a

história deste intelectual em Ponta Grossa neste período, pois “o destino fez Hugo dos Reis conhecer a moça que viria a ser sua abnegada esposa, leal companheira durante vinte e três anos.” (HOLZMANN, 2004, p.283). A moça que cativara o espírito de nosso jornalista chamava-se Rosália de Almeida Barros, e logo após enamorar-se, Hugo Reis passara a publicar no jornal, uma série de contos e poesias dedicados a ela, deixando eternizada nas páginas do periódico a parte poética de sua história de amor. Ao dia 9 de agosto de 1910, numa poesia intitulada “Sós” (ANEXO 5), de subtítulo: “para minha noiva”, Hugo Reis se declarava:

Se me ruiu um monte além. Outro. Cidades cahiam. Cyclope, essa luz no teu olhar como Atalante o mundo entre as immensidades abysma, qual um barco a pique em pleno mar.

Nações, estados, reis, varões, humanidades, tudo se fez em pó. Diamantes pelo ar, tal a poeira esparsa em vivas claridades que os sóes dos olhos teus bem sabem dominar.

Não houve então mais nada alem dessa alma luz, que me embriaga assim e que assim me seduz te destacando... só... commigo. Já defuntos

o bem e o mal, Deus nos quis, e alma nos conduz pelo solar do nada aos céos dos reis hindús, immensamente sós, eternamente juntos. (REIS, 09/08/1910 p.1)

Além dos versos apaixonados para sua noiva, outra personagem figurava nas poesias que Hugo Reis publicava nas páginas d’O Progresso. Durante estes três anos de análise, constatou-se que o jornalista mantinha contato com o poeta espírita e igualmente fluminense, Casemiro Cunha, nascido em Vassouras no dia 14 de Abril de 1880 e falecido ao dia 7 de novembro de 1914, dedicando poesias a ele e divulgando também suas poesias no jornal. Em poesia publicada ao dia 10 de junho de 1909, sob o título de “Amando”, Hugo Reis dedicava-a “a Casemiro Cunha, escriptor espírita”:

Era um menino pobre, enfermo, era engeitado, porque engeitado è não ter mãe, e orphão ser. Como carinho eu sô tive o livro estudado das dores d’alma.

Em prêvio escarneo, a maldizer, bebia o bausto forte, o orgulho do damnado, que, não achando amor, só tem ódio á mulher.

Sô lia o drama em que ella fructo de pecado, e a comedia em que ella è um fito do prazer.

Na sciencia eu a achei um bello animalsinho e na

8 Periódico inaugurado em 15 de agosto de 1910 por Leocádio Correia, Oscar de Oliveira Ramos, José da Costa Faria e Manoel Oliveira Franco, tendo circulado em Ponta Grossa até maio de 1912.

crença um demonio envolto de carinho.  
E a insultei no amor.  
E a escarneci no pranto.  
Mas... eis-te !... Tu, Beatriz:  
Armaste-me este ninho do divinal pensar...

E agora eu me definho nesta febril paixão por uma  
morta há tanto!... (REIS, 10/06/1909 p.1)

Esta fora a primeira vez que o nome de Casemiro Cunha figurava no *O Progresso*, tendo na poesia que Hugo Reis o havia dedicado, os elementos centrais que marcaram presença direta no conteúdo dos textos que eram publicados pelo jornalista. Aqui, novamente vemos a dicotomia entre ciência/religião, quando seus versos nos dizem que na ciência, achou-a “um belo animalzinho”, dando ênfase assim à perspectiva materialista de suas ideias, e expressando também a parte espiritual de seu pensamento dizendo que na crença, achou-a “um demônio envolto de carinho”, relacionando a figura alegórica<sup>9</sup> de Beatriz à ideia de prazer (material) e de pecado (espiritual). Há também, ao fim de seus versos, outro elemento interessante, que Hugo Reis fizera questão de separar por um espaço mais avantajado das demais estrofes, salientando o sofrimento que sentia e uma “febril paixão” por uma pessoa que já havia morrido há muito tempo, o que pode ser tomado como uma estratégia discursiva análoga àquelas de que se utilizava na propagação de seu ideário nos dias de finados.

Após ter inicialmente apresentado Casemiro Cunha como um escritor espírita, Hugo Reis fez vir ao público cerca de três meses depois, em 25 de setembro de 1909, outra poesia dedicada a ele, intitulada de “2 CRENÇAS; 2 ROSÁRIOS”, desta vez apresentando-o como “illustre poeta espírita”, de modo a reforçar publicamente seu prestígio por esta personagem:

Elle no quarto entrou... de mãos postas murmura,  
resa, a noiva adorada, e de rosário e véo; serena,  
(como a lua) (e como a rosa) pura, para apprender a  
amar conversa com o céu.

- Esposa, és musa agora, alcemos pela algrura da  
vida o amor do empyreo, o candido tropheo deste  
saber que leva o berço á sepultura e a sepultura ao  
berço... o eterno amor. Incrêo,

perdi toda a esperança entre a noite da estrada e  
em cada seio achei uma alma condemnada si com  
mulheres quis resar no meu calvario...

A lagrima è conta. Eis dez, cem muitas... Em cada,  
um sonho morto – o amor sem fim. Resas? Ama-

da, resemos; mas jamais troquemos de rosario... –  
(REIS, 25/09/1909 p.1)

A poesia em questão faz menção ao “empíreo”, morada dos deuses que fora recorrente na Divina Comédia de Alighieri, que segundo seus versos, deveria ser tomado mediante as amarguras da vida, como a chave da compreensão de um “cândido troféu deste saber”, que leva o “berço à sepultura e a sepultura ao berço”, trazendo à tona, deste modo, em meio as rezas com o rosário feitas pela noiva da referida poesia, que encontrava nesta prática uma forma de comunicar-se com o céu, aspectos da lei do eterno retorno: o berço à sepultura, da sepultura ao berço, ou seja, o dogma reencarnatório do espiritismo, em contraposição a uma prática relacionada por essência ao catolicismo (justificado no próprio título da poesia: “2 CRENÇAS 2 ROSÁRIOS”).

Se na poesia publicada ao mês de setembro de 1909, Casemiro Cunha era adjetivado como illustre poeta espírita por Hugo Reis, ao dia 20 do mês anterior, o jornalista fora ainda mais apologético ao realizar uma crítica literária de um livro de poesias escrito por Casemiro Cunha, de título “Aves Implumes”, nas páginas d’*O Progresso*, grafando que:

É um livro para as almas puras das donzellas, para ser soletrado pelos labios roseos das creanças, são nuvens brancas, muito alvas, do oriente do nascer de um sol, o sol da sciencia espírita – e a alma de Casimiro Cunha que teceu essas nuvens fal-as desfazer-se não nos rugidos de tempestades dos versos heroicos, das imaginações inflamadas em incendios rubros, em esturpidos de paixões, mas no lacrimar da lyra dos seus sentimentos meiguíssimos, lagrimas que são perolas do seu amor, cahindo do céu qual um manná para consolal-o com a arte das miserias da vida [...]  
(REIS, 20/07/1910, p.1)

Deste modo, dizendo que o livro de Casemiro Cunha é um livro para “as almas puras das donzellas”, e para ser soletrado pelos “lábios róseos das crianças”, Hugo Reis reforçava a obra deste autor com adjetivos positivos, relacionando-a a “nuvens brancas” do oriente do nascer do “sol da ciência espírita”, enfatizando aí também a relação deste autor e sua obra com a doutrina de Allan Kardec; e, por fim, salientou que as mesmas nuvens brancas que Casemiro Cunha teceu, se desfaziam em “lágrimas que são pérolas do seu amor”.

Ao que tudo indica, o profundo elogio escrito por Hugo Reis fora bem recebido por Casemiro Cunha, pois nove dias depois, as páginas d’*O Pro-*

9 Alegoria à personagem Beatriz, imortalizada na ‘Divina Comédia’ de Dante Alighieri (1265-1321).

gresso anunciavam: “De Casimiro Cunha o festejado poeta fluminense recebemos um cartão de agradecimento pela desalinhada critica que fizemos ao seu livro “Aves Implumes”.” (O PROGRESSO, 29/07/1919, p.1)

Nos anos seguintes, Hugo Reis não mais dedicou poesias a Casemiro Cunha, mas passou a publicar as poesias dele no periódico. Uma delas, ao dia 17 de dezembro de 1910, sob o título de “GENESE” (ANEXO 6):

Depois de erguer do chaos sombrio e apavorante  
O espaço, a terra e o mar, os valles e as collinas,  
Deus fez surgir o céu carregado de estrellas  
E a via – lactea abrir-se em pedrarias finas,

E a primeira açucena ergueu-se luxuriante,  
E romperam do solo as primeiras boninas...  
E Deus, do alto dos céos, depois de bemdizel-as,  
Suas obras sem par, esplendidas, divinas,

Deus notou ser preciso á terra um soberano,  
E fez surgir do nada á vida o ser humano,  
Dando-lhe um sopro – a alma, e um verme – o coração...

Mas, ainda faltava um anjo ao paraíso,  
E Deus fez a mulher de um beijo e de um sorriso...  
E só assim ficou perfeita a criação.  
(CUNHA, 17/12/1910 p.1)

E outra, de título “BOA NOVA”, que Casemiro Cunha dedicara à sua esposa, ao dia 28 de janeiro de 1911:

Em roda, vês? A natureza encanta...  
O céu de azul se mostra e neve e rosa,  
E a terra, em galas, toda se levanta  
A’ festa de ouro da manhã radiosa!

Andam gorgeios pelo ambiente, santa.  
E uma expansão de beijos rumorosa...  
Em cada fronde uma alegria canta...  
Parece até Vassouras mais formosa!

E’ que a noticia já chegou lá fóra,  
A boa nova de que ao ninho agora  
Mais um teremos sêr, que é nossa vida,

Estamos dentro, vê, de uma apothese!  
Tudo se expande e freme á ideal nevrose...  
E dão-nos todos – parabens, – querida! (CUNHA, 28/01/1911 p.1)

Além das poesias que marcavam a presença de Casemiro Cunha no periódico, um outro acontecimento envolvendo este autor seria noticiado. Um de seus sonetos, intitulado “A mulher”, teria sido plagiado, sendo publicado em uma revista denominada “Fon-Fon”, de modo que Hugo Reis, inconformado denunciava:

Gerson Tavares, já agora conhecido entre nós como plagiador dos bons sonetos que encontra, quis aparecer no mundo das letras, mas... coitado! foi caipora! plagiando um dos mais bellos e artisticos sonetos de Casemiro Cunha, poeta vassourense e já bastante conhecido, foi pilhado em tão degradante surrupiação... (REIS, 08/04/1911 p.1)

Anunciando Gerson Tavares como “plagiador” de um dos “mais bellos e artisticos sonetos” de Casemiro Cunha, Hugo Reis fora incisivo diante da situação, adjetivando-o também como “caipora”, termo popular ofensivo, relacionado à figura do folclore indígena, personificada em um duende das matas que realiza travessuras e artimanhas, e reforçara ainda mais o caráter da má ação, dizendo que Casemiro Cunha teria sido “pilhado” em “tão degradante surrupiação”, construindo assim a imagem de Gerson Tavares como a de um ladrão. O ocorrido deixara Hugo Reis tão irritado, que, constatou-se que esta fora a primeira vez nos três anos de análise de jornal, que ele insultara diretamente alguém nas edições do periódico, e pareceu abrir mão da negação de seu direito de atacar quem quer que fosse, como havia pronunciado no discurso em que atestava publicamente o seu posicionamento espírita em 1909, incitando nas páginas d’O Progresso uma Campanha contra Gerson Tavares (ANEXO 7):

Em nossas mãos chegou o bello n. do Fon-fon, que em pagina artistica, estampava o referido soneto. E Casemiro Cunha, como que afeito a essas cousas, com um sorriso nos labios e uma ironia no espirito, por carta, cuja calligraphia é a do autor destas linhas, communicou á redação da brilhante revista carioca, mas... talvez por commiserção do academico plagiador, ella nada disse a respeito ao plagio, e nós aqui, indignados por tão injusto silencio, resolvemos abrir uma campanha contra o ladrão do soneto de Casemiro Cunha certos de que toda a imprensa livre e séria nos ajudará a desmascarar o tão cynico quão petulante plagiador! (REIS, 08/04/1911 p.1)

No desenrolar da denúncia acima grafada, vemos que novamente adjetivos negativos foram aplicados na descrição de Gerson Tavares, como “plagiador”, “ladrão”, “cínico” e “petulante”. Hugo Reis não atacara diretamente o periódico que teria publicado o plágio, sendo respeitoso, denominando-a “brilhante revista carioca”; porém caracterizou a atitude de não pronunciamento da mesma como um “injusto silêncio”, enfatizando assim a ideia de que os redatores da revista teriam se omitido perante o fato, e, sempre apologético a Casemiro Cunha, afirmara que ele seria “afeito a essas coisas”, tendo encarado a situação com um “sorriso nos lábios” e “ironia no espírito”, reforçando a figura do poeta

fluminense como um homem de bem, que prezava pela tranquilidade; e, de modo a cativar demais periódicos para sua causa, incitara “toda a imprensa livre e séria a “desmascarar” Gerson Tavares.

Deste modo, constatou-se que ao convidar outras folhas na repercussão do referido plágio, Hugo Reis utilizara-se de uma estratégia discursiva embasada no escândalo, para uma possível divulgação em massa do nome e da obra de Casemiro Cunha, e assim causar maior repercussão da poesia espírita e consequentemente do espiritismo em outros veículos de imprensa. Após noticiado este ocorrido, não mais se viu o nome de Gerson Tavares nas páginas d’*O Progresso* na análise das edições que se seguiram. Vimos assim, que juntamente a este movimento literário em atividade efervescente, contando com inúmeras colaborações de diferentes poetas locais no jornal princesino, Hugo Reis também utilizara-se deste viés artístico para divulgar e legitimar sua doutrina, seja com poesias de própria autoria, ou com a divulgação dos versos de Casemiro Cunha.

### **Civilismo espiritualista: o apoio de Hugo Reis à campanha presidencial de Rui Barbosa**

A Campanha Civilista fora uma campanha política posta em prática pelo baiano Rui Barbosa em oposição ao militarismo, que detinha como seu representante o marechal Hermes da Fonseca no pleito eleitoral de 1910. SILVA (2009) nos conta que:

O discurso da campanha civilista, a partir de então, foi o de fortalecer o processo de construção da democracia no Brasil, combatendo o domínio oligárquico na Primeira República. Porém, devemos perceber que embora houvesse um conteúdo antioligárquico, Rui Barbosa fora apoiado pelas oligarquias paulista, baiana, e, mais tarde, fluminense. O grande emblema deixado pela Campanha Civilista foi promover o debate de ideias e persuadir o eleitor pela palavra e pela razão. Sem dúvida, na própria forma de campanha já se encontrava as matrizes de inovação política no centro da Primeira República. O civilismo ganhou também forte expressão através da imprensa. No Rio de Janeiro através de jornais como o “Correio da Manhã” e o “Jornal do Comércio”. (SILVA, 2009, p. 115)

A imprensa paranaense também participara deste processo, pois neste momento, como redator d’*O Progresso*, Hugo Reis prestara nos artigos políticos que escrevia, apoio incondicional à campanha presidencial de Rui Barbosa, iniciando um movimen-

to civilista ostensivo e ativo nas páginas do periódico. Já em 1909, anunciava seu candidato num discurso apologético:

Bom, faremos abstração da nossa pessoa; daremos o nosso infinitesmo concurso para o bem da nação; assim o exige o jornalismo. E’ um caso de consciencia.

Viva o sr. Ruy Barbosa!

Semos por elle com a penna ou com a espada, porque sendo por elle somos pelo povo.

Um sacrificio. Será pela patria. A patria é o amor de todos os incréos do amor interesseiro. E’ ao mesmo tempo mãe e esposa. Quem é completamente sensitivo, ama a patria como se ama uma mãe e esposa. (REIS, 04/09/1909 p.1)

Fazendo um forte apelo à opinião popular, dizendo que “sendo por ele, somos pelo povo” e lançando um discurso altamente patriótico, grafando que a pátria é o amor de todos os que não acreditavam no “amor interesseiro” e que se ama a pátria como a uma mãe ou uma esposa, legitimava também a atuação por parte da imprensa, atestando que o apoio a Rui Barbosa era um “caso de consciência”, e que assim o exigia o jornalismo. Sendo assim, amparado no reforço constante de que esta postura estava relacionada ao “bem da nação”, o nome de Rui Barbosa se fez circular em todo o período da campanha eleitoral nas edições seguintes d’*O Progresso*. Em artigo publicado em 09 de setembro de 1909, Hugo Reis visava cativar as multidões:

Ruy Barbosa é o homem das multidões. Elle mesmo é uma multidão. O sábio é a multidão; o justo é a multidão. As multidões julgam com todos os pareceres; com todas as escolas artisticas, com todas as doutrinas scientificas, com todos os dogmas religiosos; a multidão julga com a multidão; a multidão é justa, a multidão é sabia, a multidão é Deus; Ruy Barbosa é justo, Ruy Barbosa é sabio, Ruy Barbosa é homem, e, a multidão – Deus – grita: – Viva Ruy Barbosa! – homem. – (REIS, 09/09/1909 p.1)

Hugo Reis adjetivou a multidão como sendo ela o próprio Deus, no sentido das palavras do jornalista a força que está no controle dos desígnios terrestres, reforçando a imagem de Rui Barbosa como um “homem das multidões”; e retomando novamente a ciência as artes e a religião, o jornalista afirmava que a multidão o julgaria sob estas perspectivas, que, como atestam claramente a análise de seus textos, para Hugo Reis, eram requisitos indispensáveis. Esta mesma multidão, endeusada, deveria saudar o homem: “Viva Rui Barbosa!”, aplicando tanto à “multidão” como ao candidato à presidência, adjetivos de justeza e sabedoria. Já em outra edição do jornal, sob a manchete de “Estado de alma” (ANEXO 8),



de 21 de setembro de 1909, Hugo Reis trazia ao público leitor do periódico a figura de Rui Barbosa, atrelada diretamente ao transcendental:

Tudo que é grande arrebatada, enleva, fascina, e, a grandeza da pátria nem todos a podem compreender, é mister ser um sabio, é mister ser um artista, é mister ser um bom, e essa grandeza vista por Ruy Barbosa, num conjuncto como elle nos disse, tocava as raia das cousas sobrenaturaes, das cousas maravilhosas, das cousas infinitas, das cousas immortaes dandolhe essa emoção de inferioridade ante a superioridade do mandato, no deslumbramento que sentiu, como esse do astrônomo aminorado com a descoberta dos mundos, reduzido pela grandeza do universo, aniquilado por não encontrar o nada... A emoção que Ruy Barbosa sentiu foi esta: A emoção da missão. (REIS, 21/09/1909 p.1)

Neste sentido, Hugo Reis apontara Rui Barbosa como um homem que tinha diante de si uma “missão” perante a pátria, que, segundo ele, por sua grandeza, “arrebata”, “enleva”, “fascina”, e que “nem todos a podem compreender”, trazendo também atrelado a seu discurso, aspectos da espiritualidade ao afirmar que essas sensações vivenciadas por Rui Barbosa, tocavam a raia das “coisas sobrenaturais”, das “coisas infinitas” e das “coisas imortais”, relacionando o candidato à figura de um astrônomo que se vê encantado diante da grandeza do próprio universo, numa clara alusão aos tratados *científico-religiosos* de Camille Flammarion, cujo os textos já vinha divulgando no mesmo período junto ao periódico. No que dizia respeito ao transcendental e à religiosidade, em 29 de janeiro do ano seguinte, Hugo Reis afirmaria:

Sobre o estado e os cultos diz o Sr. Ruy que nunca occultou que a sua fé houvesse fraqueado muitas vezes. Mas tambem nunca se sentio constrangido em professar através dessas oscillações a sua fidelidade á religião dos seus antepassados. Catholico associou sempre á religião a liberdade, bateu-se sempre ao Brasil pela liberdade religiosa, foi no governo provisorio, o autor do acto que separou a Igreja do Estado. Reivindica com satisfação intima a parte que teve na solução constitucional, que emancipou em nossa terra a consciencia christã dos vinculos do poder humano. (REIS, 29/01/1910 p.1)

Na referida fonte, Hugo Reis afirmou que o “Sr. Rui<sup>10</sup>” soube separar os interesses do Estado e as minúcias da fé cristã, lembrando o fato de que ele fora autor do ato que separou a igreja do Estado; e afirmou categoricamente que Rui Barbosa “associou sempre a religião à liberdade”, salientando que o

mesmo era católico, ou seja, apesar de católico um político de interesses laicos, que separou “em nossa terra” a “consciência cristã” dos “vínculos do poder humano”. Reforçando assim a imagem de Rui Barbosa como a de um candidato que prezava a política acima de tudo, não deixando seus valores pessoais de crença interferirem em suas posturas governamentais. Com segurança, este viés posto em prática por Rui Barbosa agradara profundamente a Hugo Reis, pois o mesmo era anticlerical convicto.

Se Hugo Reis fizera questão de referir-se a Rui Barbosa como um católico que por vezes havia sofrido “oscilações a sua fidelidade à religião dos seus antepassados”, o jornalista apontava já aí a possibilidade, mesmo que remota, do candidato à presidência dialogar com outras expressões de religiosidade. E, não fora sem motivo que em 18 de janeiro de 1910, publicara um artigo de autoria do próprio Rui Barbosa, em que o mesmo, ao fazer considerações pelo “amor à verdade”, trazia à tona reflexões que dialogavam diretamente com o espiritualismo científico defendido pelo jornalista:

Mas o que ella contém, e à impelle e a revolta, não é a maldade: é o poder do pensamento, a vibração da fé, a energia motriz das almas, esse fluido impalpavel que se transporta nas ondas invisiveis do ambiente, e vae por outras regiões, arder nos espiritos, fulgurar nas trevas humanas, abalar, vontades, agitar individuos e povos reanimados ao seo contacto [...] (BARBOSA, 18/01/1910 p.1)

Em seu artigo, Rui Barbosa fazia menção à “vibração da fé”, transmitida, segundo ele, por um “fluido impalpável”, que se transporta nas “ondas invisíveis do ambiente”, de modo que está sugerida a influência das teorias científico-espiritualistas em voga na época, na escrita de seu texto. Pois este fluido impalpável teria sido posto em evidência justamente através destas novas perspectivas teóricas propostas pelos pesquisadores dos fenômenos do espiritismo, que justificam através disto, por exemplo, o movimento das mesas, a “energia motriz das almas” ou mesmo a fonte energética por trás dos elementos químicos.

Além de uma campanha embasada par a par com os preceitos de modernidade, inúmeros autores apontaram Rui Barbosa como sendo um simpatizante e um estudioso da doutrina dos espíritos, a exemplo de RIZZINI (2011), que afirmou que o mesmo teria se convertido ao espiritismo no final de sua vida, tendo em sua biblioteca pessoal inúmeras

10 Atenemos aqui para o fato de que ao referir-se a Rui Barbosa como “Sr Rui”, Hugo Reis empregava uma estratégia de familiarização com a figura do candidato, fugindo à formalidade, passando a imagem de um homem mais próximo do povo.

obras relacionadas a esta doutrina que continham diversas anotações de própria autoria junto às páginas das mesmas.

No que diz respeito à relação de Rui Barbosa com o espiritismo, outra informação pertinente deve aqui ser retomada. É o discurso pronunciado por ele numa reunião do Senado Federal em 14 de outubro de 1903, em que mencionava efusivamente o auxílio de Guillon Ribeiro na revisão do projeto do código civil, dizendo que o mesmo havia prestado uma “preciosa colaboração”, ajudando-o a suprimir desatenções e negligências (Anais do Senado Federal, vol. II, p. 717). Guillon Ribeiro, até então estava no cargo de 2º oficial da secretaria do Senado Federal; porém, concomitantemente a isto, fora também espírita praticante, sendo responsável por inúmeras traduções das obras da codificação Kardecista no Brasil, e posteriormente assumiria a diretoria da Federação Espírita Brasileira de 1920 a 1921.

Vimos assim que Rui Barbosa detinha em seu círculo de relações pessoais certa aproximação com as ideias da doutrina dos espíritos, e que por vezes demonstrara sua influência nos textos que redigia. No entanto, não tratamos aqui de afirmar que Rui Barbosa teria sido espírita convicto, ou que Hugo Reis o apoiaria em sua campanha justamente por isso, mas sim que o jornalista teria sido sensível perante a esta tendência no candidato que ferrenhamente defendera, o que é para nós, ao tratarmos de explorar o seu viés espiritualista, um indício digno de nota.

A defesa da Campanha Civilista empregada por Hugo Reis, pareceu desagradar profundamente a oposição local, pois na manhã de 08 de março de 1910, a sede do jornal sofrera um atentado, noticiado na tarde do mesmo dia:

Logo cedo, a entrada do pessoal para as officinas desta folha, foi notada que a porta do edificio estava arrombada e um simples exame dos compositores deixou patente e bem claro, aos olhos de todos, a torpeza do attentado. A typographia d’O Progresso havia sido empastelada á noite. (REIS, 08/03/1910 p.1)

No empastelamento, três rolos de ferro, para uso nos prelos de impressão, foram roubados e várias edições do jornal que já estavam prontas para comercialização foram amassadas. Alguns dos exemplares foram queimados e as caixas de tipos reviradas e danificadas. Perante o acontecimento, Hugo Reis, em tom desafiador, pronunciava:

Façam o que entender os homens que se julgam senhores da situação e com direito a praticar todas essas torpezas, para fazer calar a imprensa séria, a imprensa que não se agacha á presença do mais forte ou do mais poderoso. A filha de Guttemberg tem muitas boccas e de nada valerá rancar a lingua a uma ou duas, para que não ensine o Direito do fraco contra o forte. (REIS, 08/03/1910, p.1)

Aqui, Hugo Reis referiu-se à atitude dos empasteladores, como um ato de “torpeza”, dizendo que os participantes do mesmo se julgavam “senhores da situação”, que tentaram calar a imprensa, que adjetiva de “imprensa séria” e que não se “agacha à presença do mais forte ou do mais poderoso”, reforçando assim o mérito e a integridade do jornal, de modo que a denúncia do atentado à redação obtivesse maior sentido de gravidade. Fazendo alusão também ao próprio Guttemberg, célebre inventor da imprensa moderna em meados de 1439, dizendo que “a filha de Guttemberg tem muitas bocas e que de nada valerá arrancar a língua de uma ou duas”, num claro aviso de que o jornal não encerraria suas polêmicas atividades políticas. E assim, em meio a atentados e ameaças de morte, Hugo Reis levava adiante seu apoio à Campanha Civilista, escrevendo textos que saudavam o nome de Rui Barbosa e que figuravam em praticamente todas as edições d’*O Progresso* durante o período eleitoral. Tal fora a efetividade da participação da imprensa neste processo, que Rui Barbosa e Albuquerque Lins (seu vice-presidente) venceram a eleição em Ponta Grossa; porém, não obtiveram o mesmo resultado em âmbito nacional. Na edição de 02 de agosto de 1910, Hugo Reis ao publicar a notícia da derrota de seu candidato, enfatizava o seu desgosto:

Está consummado o maior crime que tem praticado a politica nacional! Não fallamos como hermista nem como civilista. Falamos como brasileiro.

Está reconhecido presidente da Republica pelo apanagio da força militar o Sr. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. (REIS, 02/08/1910 p.1)

Adejetivando a vitória de Hermes da Fonseca como “o maior crime que tem praticado” a política nacional, Hugo Reis salientava que não falava nem como hermista e nem como civilista, empregando assim o sentido de que, mesmo para alguém que não tomou partido na disputa presidencial, a situação se mostrava grave; e, mais do que isso, desqualificava também a vitória do oponente quando disse que o mesmo fora eleito por “apanágio da força militar”. E o seu lamento ainda seria levado adiante:

Sentimos tão profunda a incerteza, a agonia pela pátria, talvez morta, talvez moribunda, talvez gravemente doente, que se nos aparvalha a inteligência e escrevemos este artigo, sem preocupações de forma ou de pedantescas erudições de qualquer espécie. Temos tanto pesar, tanto! Este não é um artigo da redação, é um artigo pessoal. Simplesmente, como somos o redactor, não o mandámos para a secção livre. (REIS, 02/08/1910 p.1)

Neste ponto, Hugo Reis afirmara sofrer de uma profunda tristeza, fruto de sua “agonia pela pátria”, reforçando o sentido de que a própria nação se via em mau estado, aplicando fortes adjetivos para referir-se a mesma, dizendo que ela talvez estivesse “morta”, “moribunda” ou talvez ainda “gravemente doente”. E para dar ainda mais ênfase em seu descontentamento, dizia que o seu “pesar” era tamanho que este artigo em específico era um artigo pessoal, e não um artigo da redação. Após a derrota de Rui Barbosa, Hugo Reis não deixou de seguir publicando seus textos, versando sobre assuntos diversos, como as novas concepções feministas, a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, algumas considerações sobre a teoria socialista e textos sobre as ideias ambientalistas que já se ensaiavam perante o grande desmatamento, cada vez mais exorbitante nas terras paranaenses.

No ano seguinte Jacob Holzmann, proprietário do periódico e amigo de Hugo Reis, vendera o jornal para Eliseu de Campos Mello, que anunciava a troca de gerência ao dia 20 de julho de 2011:

Começa hoje “O Progresso” uma nova fase. Mudando de proprietários, é Mister lançar o seu programma, traçar sua orientação, de modo a ficar patente a função que desempenhará no seio da sociedade paranaense e, especialmente pontagrossense. (O PROGRESSO, 20/07/1911 p.1)

Sobre a postura da folha a partir de então, a nova gerência anunciava:

O Progresso não será jornal político, mais ainda, ele não será um órgão partidário, assim como manterá a máxima tolerância ou indiferença para com todas as inclinações religiosas. Faremos a narração e analyse dos factos locais ou geraes que merecerem ser registrados, agrade ou desagrade a quem quer que seja. (O Progresso, 20/07/1911 p.1)

E assim, tendo anunciado o novo programa, reforçando a imparcialidade de qualquer viés ideológico ou político, a nova fase do jornal entrava em vigor, sob a diretoria de Eliseu de Campos Mello.

## Considerações Finais

Após a saída de Jacob Holzmann da diretoria d’O Progresso, levando também em consideração a postura apolítica idealizada pelo novo proprietário, como era de se esperar Hugo Reis fora retirado do posto de redator chefe desta folha, passando a colaborar com seus artigos esporadicamente ao longo das novas edições. Ainda no mesmo ano, Hugo Reis casara-se com Rosália em 24 de novembro; e óbvio homem de letras que era, não ficara longe do periódico que sob sua colaboração ganhara prestígio e popularidade. Já em 1912, tanto ele quanto Jacob Holzmann voltaram ativamente à administração do jornal, que neste momento se encontrava em vias de ser rebatizado para *Diário dos Campos*<sup>11</sup>. Como se não bastasse isso, em 1915 o próprio Hugo Reis adquirira o jornal que, segundo Holzmann (2004):

Com o navio já evacuado e sob seu comando único, o capitão ainda teve forças para conduzir a embarcação desarvorada em meio aos arrecifes; e a 9 de dezembro do mesmo ano, sem qualquer esmorecimento, o incorruptível jornalista constituiu a firma Hugo Reis & Cia, lutando bravamente para que a história da imprensa em Ponta Grossa não sofresse a mínima solução de continuidade. (HOLZMANN, 2004, p. 292)

Sob sua tutela, o jornal circulara salvo todos os empecilhos financeiros e ideológicos até 2 de setembro de 1921, quando, doente e desanimado, vendeu-o a Felizardo Toscano de Brito e afastara-se completamente do *Diário dos Campos*. Ainda otimista, fundara outro periódico em 1925 sob o título de *O Comercio*, que acabara por não vingar. Desacreditado das empreitadas de imprensa, não viu outra alternativa senão mudar-se para São Paulo, com o mesmo intuito que o trouxera inicialmente à Ponta Grossa: restituir saúde e obter melhores oportunidades de trabalho. E justamente lá o jornalista facelera precocemente, em 29 de junho de 1934 com 50 anos de idade, deixando viúva Rosália de Barros Reis.

Não fora sem dor no coração que, ao preocupar-me aqui unicamente do viés espírita deste intelectual, tive de deixar passar em branco um conjunto significativo de seus textos que versavam sobre outras temáticas, que ao longo deste trabalho já foram elucidadas. Neste momento, por exemplo, em que a escrita da história com mais intensidade se volta para as questões ambientais, tendo sido inau-

11 O jornal passara a circular sob o título de *Diário dos Campos* em 1º de janeiro de 1913.

gurado ao mesmo ano que se deu a escrita desta monografia um laboratório de estudos em história ambiental no departamento de história da Universidade Estadual de Ponta Grossa, justificou-se ainda mais a pertinência do estudo das publicações de Hugo Reis, sobretudo as que tratavam da crítica ao desmatamento bem como da reivindicação de novas leis ambientais.

Nestes três anos que foram postos aqui sob análise, constatou-se a constante preocupação de Hugo Reis em apresentar o espiritismo à sociedade pontagrossense sob a imagem de uma vertente filosófica atrelada de maneira indissociável aos preceitos de modernidade e cientificidade consagrados pela intelectualidade de seu tempo, e que ele também utilizara-se do movimento literário em ascensão nesta localidade para divulgá-lo. E neste sentido, fora inconstável a sua participação e a influência de sua militância pelo ideário Kadecista nos três primeiros anos de sua atuação junto à imprensa pontagrossense; na criação e na consolidação de grupos de estudo voltados para esta temática, que geraram por sua vez as bases que alicerçaram os primeiros centros espíritas desta cidade, a exemplo do Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec, fundado por militares que serviam no 5º regimento de infantaria, em 1911, tendo sede no bairro de Uvaranas, e que posteriormente viria a juntar-se ao centro espírita “Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados” que estava ainda em vias de formação e cujas atividades se mantêm ativas até o tempo presente. Retomemos BUCHOLDZ (2007):

Os laços pessoais estabelecidos por Hugo Reis, bem como a sua reconhecida capacidade de argumentação e convencimento [...] explicam o rápido crescimento do número de adeptos do Kardecismo em Ponta Grossa no início da década de 1910. (BUCHOLDZ, 2007, p.47)

Fora igualmente sob o peso de sua atuação que realizou-se em Ponta Grossa, em 1915, o 2º Congresso Espírita Paranaense sob organização da Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados, trazendo adeptos do espiritismo de diversas partes do Estado e membros da Federação Espírita Brasileira para discutirem o espiritismo nesta cidade, o que viria fortalecer ainda mais o movimento da doutrina espírita, que se propagava através dos textos de Hugo Reis n’*O Progresso*. Maia 2004, ao mapear as instituições espíritas nos Campos Gerais, constatou que em torno de mais de 30 centros espíritas estão atualmente em atividade. É

valido mencionar que no estudo por ele realizado, não constaram as instituições que não se encontram filiadas aos órgãos da Federação Espírita Brasileira, dentre estas, por exemplo, o centro espírita “O Caminho da luz”, localizado na Rua Marquês de Sapucaí, nº 82, no bairro Uvaranas, o qual realiza sessões de atendimento ao público em praticamente todos os dias da semana com horários diversificados e diferentes grupos de trabalho.

É praticamente impossível historiografar ou pensar sociologicamente todas estas instituições, sem que se retorne a chegada do espiritismo à Ponta Grossa; nesta primeira fase da atuação de Hugo Reis como jornalista junto a *O Progresso*, que fortalecer tanto a consolidação da imprensa neste município, bem como a legitimação do espiritismo. Tomamos, como um dos pressupostos básicos nos estudos em história, afirmar a não existência de “homens à frente de seu tempo”; porém, ao passo em que não existem homens à frente de seu tempo, existiram homens que pareceram estar tão bem alocados em seu próprio contexto, que pregaram peças no futuro. Este é o caso de Hugo Reis, que voltara do além, numa reunião do Centro Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados, em 11 de fevereiro de 2008, para dar à sociedade pontagrossense mais uma mensagem. Desta vez não nas páginas do *Diário dos Campos*, mas sim numa carta psicografada pelo médium Raul Teixeira, e que fora assinada por Reis:

Não te aturdes pelo que vês nas fileiras da Seara Espírita, que almejavas grandiosa e bela: a apatia no campo moral de tantos, dando a impressão de que isso é coisa natural; os desatinos que não são freados pelo bom-senso, comprometendo o nome da gloriosa Doutrina; a maledicência que alcança largas praias da vida dos nossos arraiais, como se devessem fazer parte das nossas ocupações cotidianas; os descompassos entre as lições teóricas conhecidas e as atividades práticas diárias cheias de hostilidades. Não te deixes desalentar pela sensação de que o Espiritismo em nada te auxilia, considerando os golpes contundentes que te ferem cotidianamente, impondo-te lágrimas em que se mesclam dores, mágoas e revoltas.

Não te rebelas ao verificar que muitos que ocupam posições destacadas no Movimento do luarizado Espiritismo, agem como se nada tivessem a ver com a magnitude da mensagem, uma vez que somente anseiam pelas coisas do mundo material, com cinismo e desprazer, preocupados tão só em fixar-se nas posições que lhes proporcionam maior visibilidade, bastando-lhes o ensejo exibicionista, em função dos quais afirmou Jesus que “já teriam obtido o seu galardão”, ou seja, o que desejavam.

Não te atormentes, pois, uma vez que o planeta terreno atravessa momentos de seriíssimas definições e redefinições, de cujo processo ninguém pode escapar, enquanto se persistir na busca do progresso.



A Terra, em razão disso, traz sobre seu dorso e nas esferas do seu campo psíquico, entidades nos mais diferenciados estágios de aprimoramento, de desenvolvimento geral, dentre os quais são muitos os que se aninham na má vontade, esforçando-se por retardar o dia luminoso da grande renovação planetária.

Nesse estado de coisas, não estaria o Movimento Espírita indene a semelhantes presenças ou livres dessas almas que, em si mesmas atordoadas, causam atordoamento onde quer que chegam, quer estejam no corpo físico, reencarnadas, quer ainda se achem aguardando novas oportunidades, na eraticidade.

Do mesmo modo que encontramos almas irresponsáveis que se valem do nome de Jesus, a fim de explorar a boa fé dos ingênuos e dos incautos, dos ignorantes e dos parvos, nas mais distintas confissões de fé ou fora delas, temos em nosso Movimento os que, da mesma maneira, evocam o nome do Senhor, admitindo sempre que não há nenhuma necessidade de que levem a sério o trabalho e os deveres que lhes cabem, já que os Guias do mundo são dotados de grande generosidade, são misericordiosos.

Almas infantilizadas, nas quais ainda é verdooso o senso moral, enxameiam, orgulhosas umas, vaidosas outras, prepotentes tantas, que, mesmo reconhecendo suas incapacidades, fazem questão de assumir posições e cargos de responsabilidade, que sabem que não responderão a contento, pelo fato de tais situações lhes conferir projeção ou destaque social.

Há os que não têm nenhuma noção do campo de atividades em que se acham, mas não recuam, não procuram orientar-se de modo a produzir o melhor para a Doutrina. Permanecem como estão, supondo que os Espíritos do Senhor lhes suprirão a má vontade e o relaxamento.

Desgraçadamente, tais irmãos do mundo estão distribuídos por todos os campos da vida social e se fazem temerários aventureiros nas esferas da política ou da administração das coisas públicas; achamo-los à frente de empresas que deveriam ser produtivas para o progresso da sociedade e que seguem a passos tartaruguescos; temo-los liderando movimentos artísticos e culturais, onde nada funciona a contento, onde coisa alguma de expressivamente bom acontece para suas áreas, do mesmo modo como os deparamos à frente de grupos familiares e de instituições religiosas.

Vemos que cada um anseia por extrair benefícios imediatos da situação em que se aloja, desacreditando, convictamente, da vida imortal para além da matéria densa do mundo. Não te desarmonizes, pois, perante esse quadro sinistro, conflitivo e cheio de contradições da sociedade.

Trata de cumprir o que a ti te cabe, sem que as atitudes alheias te induzam ao desgoverno de ti mesmo, ou ao relaxamento para com teus compromissos perante a existência.

Cumpre-te pautar a vida nos passos dos ensinamentos do grande Mestre Jesus Cristo; aprende com Ele que a cada um será conferido de conformidade com as próprias atuações nos trilhos da vida.

Aprende, ainda, a não depositar os ensinamentos rútilos do Espiritismo sob mãos francamente incapazes ou sob mentalidades insanas, pois que, sem contestação, mais cedo ou mais tarde, tudo elas conseguirão desvirtuar, tudo irão degenerar sob os mais tolos ou

obscuras argumentos.

Trata, pois, de mergulhar a mente nos ensinamentos felizes do Cordeiro de Deus e ajusta os teus passos na trilha por Ele deixada, e não te importunará com os companheiros desviados da estrada por livre deliberação, conseguindo, então, não oferecer suas pérolas aos porcos, tampouco desejarás depositar vinho novo em barril velho, procurando, aí, sim, apesar das pelejas ardentes e das lágrimas inevitáveis dos teus testemunhos, seguir fiel e renovado, cheio de possibilidades para entender, orientar e socorrer a quantos o necessitem, na busca do Reino dos Céus, por meio dos roteiros do Espiritismo.

Com o tempo, na medida em que se renovem os humanos, também renovar-se-á o nosso bendito Movimento Espírita que, somente então, conseguirá refletir o brilho intraduzível do estelar Espiritismo.

Assim, não te descompenses. Procura fazer o que te cabe para ser feliz, levando contigo os que estejam sintonizados com o ideal de vida abundante e de paz insuplantável que adotaste para alicerçar a tua existência. (REIS, 2008)

Novamente, não nos cabe aqui julgar a autenticidade do fenômeno, tentando provar a existência ou a inexistência de forças sobrenaturais. Mas esta carta, psicografada por Raul Teixeira, é seguramente, para o pesquisador desejoso de realizar com coerência o necromântico exercício da História, um claro atestado de que a figura e o nome de Hugo Reis ainda possuem importância e recorrência no movimento espírita atual dos Campos Gerais.

## Referências

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). *Grafia da vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 63-80.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUCHOLDZ, Alessandra. *Diário dos Campos – memórias de um jornal centenário*. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

CHAVES, Niltonci Batista; KARVAT, Erivan Cassiano. VI Congresso Internacional de História – *Inte-*

lectuais, *Discursos e Instituições: as relações entre a História Intelectual (e/ou de Intelectuais) e a História Local (reflexões sobre possibilidades de pesquisa)*. Maringá: UEM, 2013.

CHAVES, Niltonci Batista. A “cidade civilizada”: cultura, lazer e sociabilidade em Ponta Grossa no início do século XX. In: DITZEL, Carmencita de Holleben; SAHR, Cecilian Luiza (orgs). *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*, Ponta Grossa: UEPG, 2001, p. 65-76.

CHAVES, Niltonci Batista. *A Cidade Civilizada. Discursos e Representações Sociais no jornal Diário dos Campos – Ponta Grossa/PR (década de 1930)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.). *Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições* / Ponta Grossa: UEPG, 2004. v.3 : II

COSTA, F. L. *Trabalho, Solidariedade e Tolerância*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1995.

DAMAZIO, Sylvia. F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DUBY, Georges. *A história contínua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Editora da UFRJ, 1993.

GIUMBELLI, E. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*, v. 9, n. 19, p. 247-281, jul. 2003.

HOLZMANN, Epaminondas. *Cinco histórias convergentes*. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

ISAIA, Arthur Cesar. Espiritismo: As imprevisibilidades no discurso. In: DITZEL, Carmencita de Holleben; ISAIA, Arthur Cesar; PEDRO, Joana Maria (orgs). *Relações de poder e subjetividades*. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011, p. 113-126.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Araras, São Paulo: 2009.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns, ou, Guia dos médiuns e dos evocadores: expiritismo experimental*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

MAIA, Fábio Maurício. H. *Os trabalhadores da primeira hora: um olhar sobre os cem anos de Espiritismo nos Campos Gerais*. Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 2011.

MAIOR, Marcel Souto. *Kardec: a biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MALDONADO, E. C. *Machado de Assis e o Espiritismo: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896)*, dissertação de mestrado, UNESP, Assis, São Paulo, 2008.

MALDONADO, E. C. *Temos dó da vossa presunção... A resposta de Bezerra de Meneses à respeito do espiritismo* – ANPUH, Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859.

RIZZINI, Jorge. *Escritores e Fantasmas*. São Paulo: Edições Correio Fraternal, 2011.

SILVA, Edson Armando. Energia elétrica em Ponta Grossa. In: DITZEL, Carmencita de Holleben; SAHR, Cecilian Luiza (orgs). *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*, Ponta Grossa: UEPG, 2001, p. 91-107.

SILVA, Leandro de Almeida. *O discurso Modernizador (1879-1923)*, dissertação de mestrado, UFJF, Juiz de Fora, 2009

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. *Revista História*, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991.

SILVA, Fabio Luiz da. *Espiritismo: História e poder (1938-1949)* – Londrina: Eduep, 2005.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Fontes

Anais do Senado Federal, vol. II, p. 717.

*A Tribuna*, Fato Psychico. *O Progresso*. Ponta Grossa, 02. out. 1909, p.1.

BARBOSA, Ruy. Verdade e Bem. *O Progresso*. Ponta

- Grossa, 18 jan. 1910, p.1.  
Brasil. (constituição 1890) – Códigos penais, Cap. III, *Dos crimes contra a saúde pública*, artigos 156, 157, 158.
- CARRÃO, Urbano. Inconscientes ao meio dia. *O Progresso*. Ponta Grossa, 12 jun. 1909, p.1.
- CUNHA, Casemiro. GENESE. *O Progresso*. Ponta Grossa, 17 dez. 1910, p.1.
- CUNHA, Casemiro. BOA NOVA. *O Progresso*. Ponta Grossa, 28 jan. 1911, p.1.
- FLAMMARION, Camille. OPINIÃO DO SR CAMILLO FLAMMARION ASTRONOMO E ESCRITOR ANTIGO DIRETOR DO OBSERVATORIO DE MEUDON. *O Progresso*. Ponta Grossa, 08 jun. 1909, p.1.
- FLAMMARION, Camille. Sobre Camillo Flammarion. *O Progresso*. Ponta Grossa, 12 jun. 1909, p.1.
- FLAMMARION, Camille. Sobre Camillo Flammarion. *O Progresso*. Ponta Grossa, 15 jun. 1909, p.1.
- O Clarim*. Templarios Espiritas. *O Progresso*. Ponta Grossa, 18 jun. 1910, p.1.
- O Progresso*. Nosso Programma. *O Progresso*. Ponta Grossa, 20, jul. 1911, p.1.
- O Progresso*. Ponta Grossa, 25 set, 1909, p.1.
- REIS, Hugo. Psicografia de Raul Teixeira. Ponta Grossa: Sociedade Espírita Francisco de Assis, 2008.
- REIS, Hugo. Sobre Camillo Flammarion (FIM). *O Progresso*. Ponta Grossa, 02 out. 1909, p.1.
- REIS, Hugo. FINADOS, Contos à noiva. *O Progresso*. Ponta Grossa, 01 nov. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. FINADOS. *O Progresso*. Ponta Grossa, 03 nov. 1911, p.1.
- Revista Internacional de Espiritualismo científico*, Visão Telephatica. *O Progresso*. Ponta Grossa, 21 jul. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. Phenonomeno Espirita. *O Progresso*. Ponta Grossa, 10 jan. 1911, p.1.
- REIS, Hugo. O Polonio, perante o spiritualismo scientifico. *O Progresso*. Ponta Grossa, 16 ago. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. *O Progresso*. *O Progresso*. Ponta Grossa, 14 jun. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. SÓS, (para minha noiva). *O Progresso*. Ponta Grossa, 09 ago. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. Amando (A Casemiro Cunha, escriptor espirita). *O Progresso*. Ponta Grossa, 10 jun. 1909, p.1.
- REIS, Hugo. 2 CRENÇAS 2 ROSÁRIOS. (a Casemiro Cunha illustre poeta espirita). *O*
- REIS, Hugo. AVES IMPLUMES. *O Progresso*. Ponta Grossa, 20 jul. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. Ainda com o plagiador. *O Progresso*. Ponta Grossa, 08 abr. 1911, p.1.
- REIS, Hugo. Explicação pessoal. *O Progresso*. Ponta Grossa, 04 set. 1909, p.1.
- REIS, Hugo. Ruy Barbosa (a plataforma). *O Progresso*. Ponta Grossa, 29 jan. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. Estado de alma. *O Progresso*. Ponta Grossa, 21 set. 1909, p.1.
- REIS, Hugo. Está Consummado. *O Progresso*. Ponta Grossa, 02, ago. 1910, p.1.
- REIS, Hugo. Torpe atentado – O impastelamento. *O Progresso*. Ponta Grossa, 08, mar. 1910, p.1.
- BARBOSA, Ruy. Verdade e Bem. *O Progresso*. Ponta Grossa, 18 jan. 1910, p.1.